



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO

**DEADLINE: GUIA DE SOBREVIVÊNCIA
para calouros e calouras de jornalismo**

**Mariana Sofia de Jesus Andrade - 190034831
Maria Clara Jácome Martinez - 190043695**

Mariana Sofia de Jesus Andrade
Maria Clara Jácome Martinez

**DEADLINE: GUIA DE SOBREVIVÊNCIA
para calouros e calouras de jornalismo**

Memorial apresentado ao Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito básico para a conclusão do Curso de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora:
Professora Titular Dione Oliveira Moura

Coorientadora:
Professora Doutora Suzana Cardoso Guedes

Brasília-DF

2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos que me acompanharam nesta jornada pela Universidade de Brasília (UnB) que resultou na apresentação deste projeto.

Agradeço à Maria Clara, minha dupla neste presente trabalho. Desde o momento em que pisei meus pés na UnB, você se tornou uma irmã de coração. Obrigada por aceitar entrar nessa loucura ao meu lado, sem você não seria capaz de concluir este projeto. Nós enfrentamos um ano repleto de turbulências, com perdas e mudanças bruscas, mas conseguimos seguir em frente com o apoio uma da outra. Mil vezes obrigada!

À minha mãe, que sempre enxergou na educação o caminho para buscar uma condição de vida melhor. Obrigada por investir tantas horas de trabalho duro e dedicação para formar seus dois filhos. Parabéns, a senhora venceu mais uma batalha.

Ao meu irmão, que é o responsável por eu ter escolhido cursar jornalismo. Sem você, a Mariana com seus 16 anos não teria sido capaz de trocar a engenharia pela comunicação.

A todos os familiares que me apoiaram durante todos esses anos.

À Família Meu Maior Tesouro, o melhor grupo de amigos que poderia ter ganhado. São mais de seis anos juntos e espero que venham mais! Obrigada pelas risadas, os choros, conselhos e por serem o meu porto seguro quando mais precisei. Amo todos vocês.

Aos outros amigos do coração. Para evitar brigas não vou citar nomes nesta parte, mas os de verdade (risos) sabem que fazem parte desta conquista.

Às minhas orientadoras, Dione Moura e Suzana Guedes. Me sinto lisonjeada por ter sido orientada por duas mulheres negras com lindas histórias de vida, brilhantes trajetórias profissionais e acadêmicas. Sou fã de carteirinha de vocês.

Dedico este trabalho aos que partiram.

À minha avó, Maria do Carmo, e a todas as matriarcas da minha família. Dona Maria nos ensinou a apreciar a vida com leveza e determinação. Vovó Maria, espero que esteja feliz pelas minhas conquistas nessa, ainda, pequena trajetória de vida. Um saudoso abraço, te amo.

Ao meu pai, Raimundo Nonato de Andrade, que não está mais aqui fisicamente, mas segue guiando meus passos diariamente. Obrigada por todo suor e sangue derramados para me criar, não foi fácil. Te amo hoje e sempre.

- Mariana Andrade

Obrigada a todos que fizeram parte da minha graduação e me formaram como profissional e um ser humano melhor.

Um agradecimento especial à minha grande amiga e parceira nesta jornada do TCC e da vida. Mariana, obrigada por ser essa existência cativante e inspiradora que eu respeito e amo de todo o coração.

Agradeço os excelentes profissionais que me ensinaram como o bom jornalismo deve ser. E as queridas Dione Moura e Suzana Guedes, pela orientação e acolhimento ao longo da graduação e do projeto final.

Aos meus queridos amigos que fiz durante o curso, meus companheiros que me elevam e crescem comigo, e com os quais compartilhei os melhores momentos: vocês são minha segunda família, um tesouro mais precioso que o próprio diploma!

Não posso deixar de mencionar as pessoas que fazem parte da minha trajetória a mais tempo, sem as quais eu não seria quem eu sou hoje. Minhas duas pessoas preferidas, sangue do meu sangue, Pedro Ernesto e Carolina Helena. Minha irmã de outra mãe, Luciana. Aquela que eu mais admirei na vida, minha avó, Consuelo. Danyella, minha mãe, confidente e maior exemplo de sabedoria e bondade. E ao meu papai, Lourenço Sérgio, minha maior referência de amor. Obrigada, amo vocês.

- Maria Clara Martinez

RESUMO

Este estudo consiste na criação de um guia em formato de zine, destinado a calouros e calouras de jornalismo da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). O projeto tem como objetivo principal propor um material que facilite a adaptação dos e das calouras de Jornalismo ao ambiente acadêmico. O zine *Deadline* aborda temas como estrutura do curso, dicas acadêmicas, cultura da faculdade e mercado de trabalho por meio de uma linguagem e diagramação descontraídas. A pesquisa utilizou metodologia exploratória qualitativa, incluindo revisão bibliográfica e entrevistas com veteranos, professores e profissionais do jornalismo. A conclusão destaca a importância de um material que vá além dos guias institucionais, oferecendo um suporte acessível para a jornada universitária.

Palavras-chave: zine; calouros; jornalismo; guia; adaptação acadêmica.

Sumário

Introdução	5
1. Problema da Pesquisa	11
2. Objetivos	12
3. Justificativa	13
4. Referencial Teórico	14
5. Metodologia	19
6. Análise de Resultados	44
Considerações finais	45
Referências	47
Apêndice A - Entrevista com David Renault	49
Apêndice B - Entrevista com Solano Nascimento	52
Apêndice C - Entrevista com Sérgio de Sá	55
Apêndice D - Entrevista com Márcia Marques	60
Apêndice E - Entrevista com Paulo Paniago	62
Apêndice F - Entrevista com Thaïs de Mendonça	67

Introdução

Uma das características que mais nos encanta no jornalismo é sua capacidade de traduzir informações, torná-las mais simples e compreensíveis a qualquer público. A ideia de criar um guia em linguagem simples surgiu desse encantamento. A partir de então, nos restava decidir o tema do manual.

Geralmente, a ideia para um projeto de conclusão de curso surge a partir de uma inquietação. E a problemática que nos ocorreu foi em relação ao próprio processo da graduação. Percebemos que a entrada na universidade é muitas vezes marcada por dificuldades de adaptação que podem afastar os estudantes de boas oportunidades.

De acordo com estudos da psicologia (Almeida e Soares, 2004; Teixeira et al., 2008; Igue, Bariani, Milanesi, 2008; Santos et al., 2013), o primeiro ano da graduação representa uma mudança importante para os recém-ingressos da universidade. Esse momento crucial é muitas vezes marcado por fatores estressantes, os quais influenciam no sucesso acadêmico dos estudantes, que enfrentam barreiras pessoais, sociais, acadêmicas, vocacionais durante a graduação (Igue; Bariani; Milanesi, 2008).

Segundo Almeida e Soares (2004), a entrada na universidade, ainda que represente um sonho realizado para muitos jovens, pode vir acompanhada de uma visão ingênua e irrealista sobre a vida acadêmica. Essa quebra de expectativas pode gerar dificuldades de adaptação, frequentemente ao longo do primeiro ano, e, muitas vezes, levar ao insucesso ou ao abandono do curso.

A passagem do Ensino Médio para a Graduação representa uma ruptura perceptível com referências anteriores, marcada pela mudança de vínculos e responsabilidades. Para Teixeira et al. (2008, p. 187), "a universidade é um ambiente distinto do escolar, nela a monitoração e o interesse da instituição pelo estudante é notadamente diminuído". Segundo os autores, a responsabilidade pelo aprendizado, que antes era centrada na escola, é deslocada para o jovem.

Ainda de acordo com Teixeira et al. (2008, p. 192), "a ausência de uma orientação com relação aos processos burocráticos universitários também é percebida como um obstáculo à adaptação, na medida em que dificulta a ambientação do calouro à instituição e suas rotinas".

Nessa perspectiva, a estratégia adotada pela dupla de autoras do presente projeto foi o desenvolvimento de um guia em linguagem simples sobre a graduação e o mercado de

trabalho do jornalismo, destinado aos recém-ingressos no curso. Para isso, ouvimos profissionais da área, professores e alunos da faculdade, de forma a criar um material que esteja de acordo com as necessidades desse público.

Assim, estruturamos o guia no formato zine, que, segundo a definição estabelecida por Julie Bartel (2004), caracteriza-se por uma pequena revista produzida e publicada de maneira independente. O projeto, em versão impressa e digital, reúne capítulos sobre processos burocráticos da graduação, vivências do curso e do mercado de trabalho, assim como dicas de escrita. A ideia é disponibilizar alguns exemplares impressos em pontos estratégicos da Faculdade, como a secretaria, salas de aula e espaços de convivência. E espalhar panfletos com o QR code para acesso do guia virtual.

Durante as pesquisas, encontramos guias para calouros de jornalismo (figura 1, figura 2, figura 3 e figura 4) que tratam unicamente sobre processos burocráticos da faculdade e da instituição, sem se aprofundar em características específicas do curso, como grade curricular, mercado de trabalho, dicas de escrita, apresentação dos professores, etc. Além disso, observamos uma tendência de linguagem institucional e diagramação pouco atraente na maioria dos materiais.

Na Universidade de Brasília (UnB), o Decanato de Ensino de Graduação (DEG) produz anualmente um manual para calouros. Nesses guias há informações sobre registro acadêmico; cadastro no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa), matrícula em disciplinas; obtenção do e-mail institucional, etc. Os manuais são disponibilizados na página Boas Vindas UnB, onde o calouro encontra todos os detalhes para se preparar para o início da vida acadêmica.





O formato e os conteúdos permanecem praticamente os mesmos a cada ano, com diferença apenas na diagramação. Mas percebe-se uma evolução do projeto editorial e gráfico no último manual da instituição, publicado em 2023. A apresentação visual se tornou mais didática e atrativa. E a linguagem mais simples, concisa e acessível.

Figura 1 - Capa do Guia

GUIA DO CALOURO Universidade de Brasília	Sumário
	Breve História da UnB 11
	Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB 17
	Ensino, Pesquisa e Extensão 23
	Processo de Matrícula em Disciplinas 31
	Disciplina a Distância 40
	DEX – Diretorias 45
	Núcleos 47
	Apoio Estudantil 57
	Assistência Estudantil 59
	Infraestrutura e Serviços 71
	Alimentação 73
	Serviços 80
	Outros Meios de Transporte 84
	Cultura e Lazer no Campus 91
	Diretoria de Esporte, Arte e Cultura (DEA) 93
	Regras de Convivência 95
	RESOLUÇÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO Nº. 0001/2012 97
	Anexos 107
	ANEXO I – Telefones Úteis e Endereços 109
	ANEXO II – Lista de Siglas 117
	ANEXO III – Polos de Educação a Distância da UAB – UnB Estados e Municípios Atendidos 120
	Mapas 123
	Calendário Acadêmico 130
1º/2015	

Fonte: Universidade de Brasília

Figura 2 - Guia do Calouro 2018

GUIA DO CALOURO 1º/2018	ção de trancamento deve ser feita para cada semestre letivo.												
	Trancamento geral de matrícula justificado												
	O trancamento geral de matrícula pode ser concedido de forma excepcional e justificada (TGMJ) nos casos de impossibilidade de cumprimento das obrigações acadêmicas, por motivos previstos nas resoluções, com justificativa circunstanciada e devidamente comprovada.												
	Trancamento parcial automático												
	O trancamento parcial de matrícula pode ser solicitado pelo estudante para suspensão de atividades curriculares em determinada(s) disciplina(s). O trancamento parcial de matrícula, ou trancamento automático de disciplina (TR), pode ser concedido por apenas uma vez em cada disciplina isolada e no prazo estipulado em calendário acadêmico.												
	Trancamento parcial justificado												
	O trancamento parcial de matrícula excepcional e justificado (TJ) pode ser solicitado pelo estudante nos casos de impossibilidade de cumprimento das obrigações acadêmicas em determinada(s) disciplina(s), por motivos previstos nas resoluções, com justificativa circunstanciada e devidamente comprovada.												
	Menções												
	As menções atribuídas ao rendimento acadêmico do aluno em disciplina e sua equivalência numérica são as seguintes:												
	<table> <tr> <td>SS (Superior)</td> <td>9,0 a 10</td> </tr> <tr> <td>MS (Médio Superior)</td> <td>07,0 a 8,9</td> </tr> <tr> <td>MM (Médio)</td> <td>5,0 a 6,9</td> </tr> <tr> <td>MI (Médio Inferior)</td> <td>3,0 a 4,9</td> </tr> <tr> <td>I (Inferior)</td> <td>0,1 a 2,9</td> </tr> <tr> <td>SR (Sem rendimento)</td> <td>zero</td> </tr> </table>	SS (Superior)	9,0 a 10	MS (Médio Superior)	07,0 a 8,9	MM (Médio)	5,0 a 6,9	MI (Médio Inferior)	3,0 a 4,9	I (Inferior)	0,1 a 2,9	SR (Sem rendimento)	zero
SS (Superior)	9,0 a 10												
MS (Médio Superior)	07,0 a 8,9												
MM (Médio)	5,0 a 6,9												
MI (Médio Inferior)	3,0 a 4,9												
I (Inferior)	0,1 a 2,9												
SR (Sem rendimento)	zero												
 	 												

Fonte: Universidade de Brasília

Figura 3 - Guia do Calouro de 2019



Fonte: Universidade de Brasília

Figura 4 - Guia do Calouro de 2023



Fonte: Universidade de Brasília

No entanto, não foi encontrado na UnB um guia voltado para calouros de jornalismo. Esse fato foi mais uma motivação para realizar o projeto. Se tornou claro a necessidade de um material com instruções que fosse prazeroso de ler.

E, de certa forma, o guia foi uma forma poética de encerrar um ciclo: falando mais sobre ele. Destrinchar e explicar um processo que se encerra para nós e se inicia para tantos outros e ressignificar o olhar sobre a graduação. Sentimos a obrigação de ensinar para outras pessoas, da forma mais leve possível, o que aprendemos ao longo do curso ou durante a produção do guia. Para, assim, facilitar a entrada dos estudantes nesse novo universo.

Atualmente, os manuais se fazem ainda mais necessários. Isso porque, os dois anos de ensino remoto no contexto da pandemia Covid-19 contribuíram para o distanciamento dos estudantes da instituição, seus recursos e instalações físicas. A falta da vivência presencial pode ter gerado desapegos, desconhecimentos e atrasos inimagináveis que impactam negativamente na formação dos alunos.

O período pandêmico também promoveu uma transformação no uso de tecnologias digitais, que se incorporaram ainda mais à vida do estudante. Uma vez que a maioria das Instituições de Ensino Superior adotaram o ensino remoto e toda a aprendizagem passou a ser digital. Por esse motivo, é evidente a necessidade de criar estratégias voltadas para o ambiente virtual, por meio da transição de narrativas do impresso para o digital.

É nesse contexto que vale a compreensão sobre as realidades do estudante de jornalismo, de modo a assegurar uma visão extensa sobre as questões universitárias e vivências acadêmicas. Para, assim, oferecermos um guia, de formandas aos futuros calouros, com informações úteis sobre a trajetória universitária da graduação.

1. Problema da Pesquisa

Como produzir um guia de jornalismo em linguagem simples que auxilie na trajetória universitária e profissional dos recém-ingressos da Faculdade de Comunicação da UnB?

2. Objetivos

Objetivo geral

- Desenvolver um guia destinado aos calouros do curso de jornalismo da Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) com o propósito de tornar um material de referência na experiência universitária durante os primeiros semestres da graduação.

Objetivos específicos

- Conectar calouros, professores e veteranos do curso de jornalismo da FAC;
- Experimentar maneiras criativas de diagramação e inovar no formato editorial, e, assim, diferenciar o material dos guias de calouros institucionais; e
- Usar uma linguagem descontraída e informativa para reduzir as barreiras de comunicação presentes em manuais e guias da própria Universidade.
- Analisar a experiência dos calouros e veteranos da Universidade de Brasília (UnB), com recorte no curso de jornalismo, para identificar os motivos que dificultam a experiência acadêmica dos recém-ingressos.

3. Justificativa

Como um dia a dupla deste projeto também foi um dos milhares de calouros na Universidade de Brasília (UnB), depois de uma longa jornada na instituição, pretendemos criar um zine para auxiliar os alunos e as alunas ingressantes de Jornalismo na FAC durante o primeiro ano do curso, além de contribuir para um ambiente universitário cada vez mais inclusivo. Durante a graduação, percebemos que a experiência universitária prazerosa nos semestres iniciais não é unanimidade entre os estudantes de Jornalismo.

Falha na comunicação entre aluno e instituição, problemas de adaptação, burocracia de processos internos, relação ruidosa entre docentes e discentes são problemas recorrentes citados por colegas de curso do jornalismo. Esses pontos, somados à ausência de um guia de jornalismo na Faculdade de Comunicação da UnB, motivaram a dupla a desenvolver um material destinado aos calouros da graduação. Observadas essas falhas, a gestora da Faculdade e orientadora do projeto também estimulou o desenvolvimento do guia.

A partir da criação de um produto referencial, buscamos restaurar os laços entre o corpo docente, servidores públicos, funcionários e os estudantes de Jornalismo, enfraquecido devido ao longo período de ensino remoto do período da pandemia acima citado. Atualmente, há uma demanda represada de pessoas com dificuldade de aproveitar todos os recursos oferecidos pelo ambiente acadêmico.

Escolhemos o formato de zine — pequenas revistas produzidas e publicadas de maneira independente (Bartel, 2004) — devido à liberdade criativa, editorial e montagem oferecidas pelo modelo "despadronizado" do produto. O zine tende a desassociar nosso guia para calouros, *Deadline: guia de sobrevivência*, dos manuais universitários existentes na UnB. Com este trabalho, pretendemos criar um material didático, informativo e lúdico que funcione como um complemento extra oficial dos materiais institucionais.

O projeto também visa incentivar o contato dos calouros com a experiência jornalística acadêmica e profissional. Após percorrer quase dez semestres na graduação, notamos uma tendência entre os estudantes: pensamentos a respeito da carreira são nebulosos. Identificar-se com uma determinada área de atuação, que no jornalismo, abarca diversas ramificações, ainda é um grande desafio para os universitários. Como também, a adaptação aos novos métodos de ensino, diferentes do formato adotado no ensino médio.

4. Referencial Teórico

Ao criar o zine, o foco principal foi transmitir informações sobre a funcionalidade da Faculdade de Comunicação, da vivência universitária e da graduação de jornalismo na UnB. Mas, como fazer isso sem cair em uma linguagem burocrática e institucional? Encontramos a resposta no conceito de linguagem simples — um método de escrita e movimento social focado na transmissão de informações de modo objetivo e claro, que evita elementos linguísticos característicos do “burocratês” (Fischer, 2021).

Batizado pela comunidade internacional de *plain language* (em tradução livre: linguagem simples, linguagem clara, linguagem direta, linguagem objetiva ou linguagem fácil), o conceito surgido nos anos 1940, nos Estados Unidos como parte das reivindicações do movimento por direitos civis e atualmente está presente em mais de 20 países.

Com o objetivo de promover a linguagem clara como campo profissional e de pesquisa, três associações do setor *Center for Plain Language*, *Clarity International* e *Plain Language Association International* fundaram, em 2007, a *International Plain Language Federation*. A federação é reconhecida por fomentar os benefícios públicos da linguagem fácil e trabalhar para a melhora da prática profissional.

Na definição traduzida pela federação para o português, uma comunicação está em linguagem objetiva se:

As palavras, a estrutura e o design forem tão transparentes que os leitores a quem se dirige conseguem facilmente encontrar a informação de que precisam, compreender o que encontram e usar essa informação (International Plain Language Federation, s/d).

Neste trabalho usamos o conceito de Fischer (2018). Para ela, a linguagem simples é "um conjunto de práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos", ao considerar em primeiro lugar o público a quem a publicação será destinada para organizar as ideias, escolher as palavras mais familiares, estruturar as frases e determinar o design.

Uma comunicação em linguagem clara é visualmente convidativa e fácil de ler porque foi escrita com esta meta. Costuma ter o tom de uma conversa amigável e respeitosa. Reconhece o direito que toda pessoa tem de entender textos relevantes para o seu cotidiano. Sua intenção primordial é esclarecer. Sempre que possível, testa se o público-alvo entendeu bem o texto antes de publicá-lo (Fischer, 2018, p. 14).

Outros pesquisadores brasileiros têm definido a linguagem simples sob diferentes perspectivas. Martins e Filgueiras (2007), por exemplo, evidenciaram o caráter desburocratizado e filosófico:

Plain Language pode ser definido como linguagem clara e simples ou ainda desburocratizada. Ainda pode ser considerada como uma filosofia ou tendência a favor do uso da clareza e escrita minuciosa que visa à compreensão e que tem, portanto, como objetivo tornar o texto perfeitamente apreensível para determinado público. Para que o objetivo seja alcançado, a principal premissa é que o redator se coloque na posição do leitor (pensando em suas dúvidas, em seu vocabulário e seus interesses) para escrever o texto (Martins; Filgueiras, 2007, p. 11).

4.1 - Jornalismo impresso

Para mostrar que o jornalismo impresso não está prestes a ser extinto, e que a internet seria a grande vilã desse acontecimento, citamos Santos et al. (2019) que analisam que o jornalismo “passa por transformações, algumas das quais já perceptíveis nas edições diárias”. Tais mudanças apontadas são:

Inicialmente, as mudanças percebidas podem ser atribuídas à luta pela sobrevivência, porém, após análise mais minuciosa, parece mais prudente imputá-las à busca por identidade no mundo digital (Santos et al, 2019, p. 50).

Santos et al. (2019) ressaltam que “desde que a revolução tecnológica invadiu o jornalismo brasileiro na década de 1990, era de se esperar que o impresso sofresse um grande impacto”. Por conseguinte, outros meios de comunicação entraram na disputa pelo interesse do leitor, e coube ao jornal impresso pensar em alternativas para oferecer conteúdo diferente do até então visto (Santos et al, 2019, p. 49).

Os autores, outros pesquisadores e jornalistas acreditam que a internet trouxe angústia e pessimismo para o jornalismo impresso (Santos et al, 2019, p. 50). Nesse contexto, Santos et al. (2019) acreditam que o cenário atual “indica alternativas” para vencer tal obstáculo.

Segundo os autores, os rumores de extinção são trocados por esperança, pela adoção de novos modelos textuais, além da mudança dos objetivos do jornalismo impresso. Em 2005, durante entrevista concedida ao jornalista e pesquisador Lourival Sant’Anna, o pesquisador e cofundador do Media Laboratory do Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Boston, Nicholas Negroponte, advertiu que o problema não estava somente no suporte papel, mas principalmente na forma como ainda se fazia jornalismo no impresso (Sant’anna apud Santos et al., 2019, p. 51).

Assim como os autores brasileiros (2019), a dupla reconhece que o tipo de suporte do jornal impresso é um problema, especialmente quando consideramos a questão ambiental. Mas, enquanto houver alternativas para a celulose, e cada vez há mais, parece precipitado pensar na extinção total do meio “papel” (Santos et al, 2019, p.51).

Por meio da narrativa transmídia, estudada por Henry Jenkins (2006), pretendemos informar os calouros de Jornalismo utilizando uma linha narrativa que se complementa tanto no impresso quanto no digital.

Como mostrado pelos autores brasileiros (2019), a produção jornalística se multiplicou e se diversificou para atender a um público cada vez maior e ávido por informação variada, proporcionando um ambiente favorável à ampliação das categorias relativas aos gêneros jornalísticos.

Para Ramón Salaverría, o leitor mais jovem costuma procurar temas específicos, o que afeta a seleção de notícias de interesse, mas que pode ajudar o jornalismo impresso na luta por espaço (ou identidade): o novo leitor pode ser ao mesmo tempo coprodutor da notícia, ou seja, fonte de informação (Salaverría apud Santos et al., 2019, p. 51).

Tal desinteresse do leitor mais jovem, de acordo com Salaverría (Sant’anna apud Santos et al., 2019, p. 51), não está na informação, mas sim na forma descontextualizada como ela é apresentada: “Queremos pensar que, à medida que esses jovens vão adquirindo certa maturidade, esses hábitos de informação não vão se limitar ao lúdico, mas abrangerão temas que afetam nossa sociedade”.

Nessa perspectiva e entendendo que “o público deve ser reconquistado” (Santos et al., 2019, p. 51), torna-se imprescindível a desassociação dos padrões adotados no jornalismo impresso tradicional, presentes em revistas e jornais. Em síntese, há necessidade de desenvolver um material informativo capaz de atrair o interesse dos leitores, no caso deste Trabalho de Conclusão de Curso, os calouros de Jornalismo.

4.2 - Zine

Zine é uma palavra retirada do termo “fanzine” — neologismo formado pela contração dos termos ingleses fanatic e magazine, que viria a significar “magazine do fã” (Magalhães, Henrique, 1993), que define uma pequena revista de publicação independente.

Seguindo a linha de pensamento de Bartel (2004), acreditamos que o formato de zine possibilita a fuga do material impresso institucional e corporativo para transmitir uma ideia para um público específico. Também, sendo o espaço onde explorar o conteúdo editorial e estético não se restringe a regras pré-definidas para um modelo gráfico.

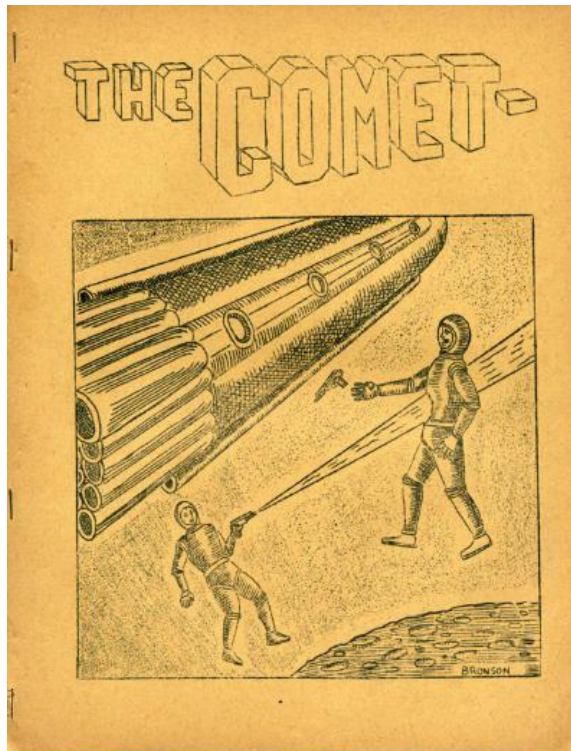
Magalhães (1993) descreve que todo o processo de produção de um zine é encarregado pelos editores do próprio, ou seja, a concepção do tema, coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição e venda ficam a cargo do criador ou criadores.

Para Bartel (2004), os zines têm apenas uma característica em comum: a existência deles é resultado da paixão e não do desejo de lucrar. A autora também explica que:

Os zines são sobre diversidade, criatividade, inovação e expressão. Como um grupo, os zines carecem deliberadamente de coesão de forma ou função, representando visões e ideais individuais em vez de objetivos profissionais ou corporativos (Bartel, Julie, 2004).

O folhetim de ficção científica *The Comet* (figura 5), de Raymond Arthur Palmer, publicado em 1930, é considerado o primeiro fanzine documentado na história (Nadis, Fred, 2013). E, apenas 35 anos depois, graças ao piracicabano Edson Rontani, esse tipo de produção chegou ao Brasil, quando em 1965, a revista em quadrinhos, intitulada *Ficção* (figura 6), foi publicada em 12 de outubro daquele mesmo ano (Negri, 2005).

Figura 5 - Capa da edição nº 1 do fanzine *The Comet*



Fonte: Galactic Central Publications. Disponível em: <https://fanac.org/fanzines/Comet/Comet01.pdf>

Figura 6 - Capa da edição nº 1 do fanzine Ficção



Fonte: Ana Camilla Negri. Disponível em: <https://edsonrontani.blogspot.com>.

No Brasil, de acordo com Magalhães, o termo fanzine começou a ganhar peso e a ser incorporado à língua portuguesa, sendo utilizado pela linguagem jornalística. À época, a grande imprensa definiu os fanzines como jornais amadores, impressos em fotocópias a partir de uma matriz datilografada e composta artesanalmente. E que, se a princípio tratavam apenas dos ídolos do mundo do som punk e do rock, eles atualmente, à medida que se proliferam, ampliam o leque de temas (Magalhães, 1993).

5. Metodologia

A construção deste Trabalho de Conclusão de Curso ocorreu por meio da pesquisa exploratória qualitativa. O percurso metodológico inicia-se na revisão bibliográfica sobre o tema, de forma a mapear as principais referências para o produto. Com os conhecimentos adquiridos, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de formulários e a realização de entrevistas. A partir da análise qualitativa dos dados obtidos, produzimos o Projeto Editorial e Gráfico do Zine.

Etapa 1 - Aplicação de formulário

O formulário de pesquisa tinha o objetivo de mapear os limites técnicos envolvidos no processo de ambientação da Faculdade de Comunicação - UnB. Para, assim, levantar dados entre os estudantes do curso de jornalismo e entender as dificuldades de ambientação do grupo na faculdade, além de recolher insumos para a construção do guia.

Os formulários foram produzidos via *Google Forms* e sdistribuídos entre os estudantes nos principais grupos de jornalismo da UnB no *WhatsApp*. Aplicamos primeiro uma versão do formulário, mais extensa, a fim de verificar as dificuldades de entendimento e testar o vocabulário empregado nas questões; assegurar a qualidade dos resultados obtidos; e, em seguida, confeccionar uma segunda versão do questionário. O primeiro formulário foi divulgado entre todos os estudantes da graduação, mas o segundo foi destinado apenas aos calouros do primeiro semestre de 2024 do curso de Jornalismo. A intenção inicial era compreender o contexto geral do curso e depois delimitar as perguntas para o nosso público-alvo: os calouros e as calouras.

Para a construção do formulário, nos baseamos na versão reduzida do Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r; Almeida, Ferreira & Soares, 2001), cuja validação para o Brasil foi realizada por Granado, Santos, Almeida, Soares e Guisande em 2005. E, ainda, utilizamos a Escala de Avaliação da Vida Acadêmica (EAVA), construída com base na literatura internacional sobre a experiência acadêmica (Almeida et al., 1999; Astin & Kent, 1983; Pascarella & Terenzini, 1991; Tinto, 1975).

Foram consideradas as dimensões interpessoal, carreira, estudo, curso e institucional. A maioria das perguntas foram feitas a partir de uma escala de cinco pontos para avaliar a experiência do aluno, aos quais foi atribuída uma pontuação: discordo totalmente (1 ponto),

discordo na maioria das vezes (2 pontos), discordo e concordo em igual proporção (3 pontos), concordo na maioria das vezes (4 pontos) e concordo totalmente (5 pontos).

O primeiro formulário foi dividido em cinco seções, com a seguinte estrutura:

1. Informações Básicas do Estudante

- 1.1. Curso
- 1.2. Idade (padrões do IBGE)
- 1.3. Escola onde se formou no ensino médio
- 1.4. Em qual semestre você entrou na UnB?
- 1.5. Período
- 1.6. Forma de ingresso no curso atual
- 1.7. Gênero
- 1.8. Identificação étnico-racial (padrões do IBGE)

2. Relação do estudante com a graduação de jornalismo

- 2.1. Tenho facilidade para compreender os textos que preciso ler
- 2.2. Tenho facilidade para redigir textos
- 2.3. Os conhecimentos adquiridos nas escolas em que estudei são suficientes para minha aprendizagem na Universidade
- 2.4. Tive dificuldades em me adaptar à vivência acadêmica
- 2.5. Conheço o currículo da graduação de jornalismo
- 2.6. As disciplinas iniciais me ajudam a compreender a prática jornalística
- 2.7. É difícil acompanhar as disciplinas iniciais de jornalismo
- 2.8. Consigo esclarecer dúvidas quanto ao conteúdo das disciplinas
- 2.9. As disciplinas do curso oferecem condições para o meu desenvolvimento profissional
- 2.10. Tenho interesse na área profissional do meu curso
- 2.11. Jornalismo era minha primeira opção
- 2.12. Estou satisfeito(a) com o curso
- 2.13. Justifique sua resposta anterior

3. Ambiente universitário

- 3.1. Estou satisfeito(a) com os recursos oferecidos pela Universidade (RU, biblioteca, CEDOC, etc)

- 3.2. Estou familiarizado(a) com o Centro de Documentação (CEDOC) da Faculdade de Comunicação
- 3.3. Estou familiarizado(a) com o espaço virtual da UnB (SIGAA, Aprender, etc)
- 3.4. Se pudesse, mudaria de universidade
- 3.5. Me sinto à vontade no ambiente da FAC
- 3.6. Julgo não poder contar com os funcionários da FAC
- 3.7. Estou familiarizado(a) com o espaço físico da FAC (secretarias, salas de aula, estúdios)
- 3.8. Posso contar com os funcionários da FAC para me informar
- 3.9. Dificilmente encontro as informações que preciso sobre o funcionamento do curso
- 3.10. Onde você geralmente busca informações sobre a UnB?
- 3.11. Consigo informações suficientes por meio destes canais (sites, redes sociais institucionais, Comunica Fac)

4. Relacionamentos

- 4.1. Estou satisfeito(a) com a atuação dos professores do curso
- 4.2. Caso você queira falar sobre seus professores...
- 4.3. Os professores estão interessados em atender os estudantes durante as aulas
- 4.4. Os professores estão interessados em atender os estudantes fora da sala de aula
- 4.5. Tenho um bom relacionamento com os colegas de curso
- 4.6. Tenho boa integração nos projetos da faculdade (Participação em eventos, Empresa Júnior, Atlética, Projeto de Extensão, etc)
- 4.7. Não tenho tempo para realizar as atividades extra-classe

5. Fechamento

- 5.1. Você acha relevante a criação de um guia para calouros de jornalismo, que reúna as principais informações sobre a profissão, o curso e a Faculdade de Comunicação?
- 5.2. Caso a resposta seja "sim" ou "talvez", o que espera encontrar neste guia
- 5.3. Agora, gostaríamos que você nos contasse qualquer dificuldade de obter informações sobre o curso e a FAC como estudante da UnB. Pode ser um relato pessoal, uma crítica, uma reflexão. Reclamações e sugestões são muito bem-vindas para nossa pesquisa.

A segunda versão do formulário teve a seguinte estrutura:

1. Em qual semestre você entrou na UnB?
2. Idade (padrões do IBGE).
3. Tive dificuldades em me adaptar à vivência acadêmica.
4. Conheço o currículo da graduação de jornalismo.
5. Estou satisfeito(a) com o curso.
6. Justifique sua resposta anterior.
7. Dificilmente encontro as informações que preciso sobre o funcionamento do curso.
8. Onde você geralmente busca informações sobre a Faculdade de Comunicação?
9. Selecione quais processos você tem mais dificuldade de compreender:
10. Você tem alguma dúvida sobre o mercado de trabalho do jornalismo? Caso sim, qual?
11. Você acha relevante a criação de um guia para calouros de jornalismo que reúna as principais informações sobre a profissão, o curso e a Faculdade de Comunicação?
12. Caso a resposta seja "sim" ou "talvez", o que espera encontrar neste guia?

Após a coleta de dados dos formulários, iniciamos a fase de análise, que consistiu em identificar padrões e pontos de interesse entre as respostas. De forma que decidimos agrupar as respostas de acordo com os temas-chave: dificuldades na adaptação à universidade, compreensão do currículo e expectativas em relação ao mercado de trabalho. A partir dessa análise, foi possível identificar os principais desafios enfrentados pelos calouros e o que eles esperavam de um guia.

Etapa 2 - Entrevistas

Além da aplicação dos formulários, foram realizadas entrevistas com professores de jornalismo (quadro 2) e profissionais da área (quadro 1). Esta etapa serviu de apoio para a produção editorial do guia. Primeiro, entrevistamos os profissionais do mercado de trabalho, em sua maioria, pessoas dos veículos onde trabalhávamos na época.

Quadro 1 - Profissionais entrevistados

Nome	Cargo
------	-------

Adriano Oliveira	Editor-chefe e apresentador na Bandnews FM Brasília
Leonardo Meireles	Editor no portal Metrôpoles
Pedro Peduzzi	Repórter da Agência Brasil na EBC - Empresa Brasil de Comunicação
Rodrigo Orengo	Diretor de jornalismo da Band em Brasília
Thalyta Almeida	Repórter-âncora e editora na Bandnews FM Brasília

Fonte: Elaboração das autoras

A conversa com os cinco jornalistas proporcionou reflexões quanto aos diversos desafios da profissão, mas também a riqueza de experiências e aprendizados proporcionados pelo jornalismo. A partir disso, foi possível traçar um panorama abrangente sobre a profissão, que resultou na coleta de conselhos para os ingressantes no curso.

As entrevistas foram realizadas presencialmente e todas foram gravadas e transcritas para posterior revisão. Após a coleta, as entrevistas foram revisadas e sintetizadas, buscando extrair as informações mais relevantes para o público-alvo do guia. Esse material serviu de base para as editorias que trazem dicas de escrita e sobre o mercado de trabalho para os calouros.

Optamos por apresentar neste memorial uma síntese de todas as respostas que recebemos. Os entrevistados responderam às seguintes dez perguntas:

1. Qual o seu cargo?
2. Quando você se formou?
3. Porque escolheu a área?
4. Como você avalia o mercado de trabalho no jornalismo?
5. Quais são as principais vantagens e dificuldades da profissão?
6. Quais os possíveis diferenciais para o jornalista?
7. Como ser um bom estagiário?
8. Quais são os erros mais comuns no jornalismo para você? Seja de postura, texto...
9. Você tem alguma dica valiosa de redação/escrita?
10. E alguma dica para os calouros do curso?

Além dos profissionais do mercado de trabalho, também foram entrevistados professores de jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB. A entrevista com os discentes serviu para auxiliar na escrita do guia.

Quadro 2 - Professores entrevistados

Nome	Currículo
Sérgio Sá	Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) em 1992. Possui mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atuou como jornalista por cerca de 20 anos, trabalhando em redações como Jornal de Brasília, Correio Braziliense e em assessorias de comunicação. Atualmente, é professor na Universidade de Brasília (UnB), onde leciona disciplinas ligadas ao jornalismo e cultura.
David Renault	Formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) em 1975. Com vasta experiência profissional, trabalhou por anos no Estadão e na Editora Abril, além de ter sido editor na Revista Exame e colaborador em assessorias de comunicação. Ingressou na UnB em 1993 como professor substituto e passou a ser professor efetivo em 1995. Coordenou o curso de Jornalismo e fundou a revista Campus Repórter, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e editorial na FAC.
Paulo Paniago	Jornalista formado pela Universidade de Brasília (UnB), onde também concluiu seu mestrado em Literatura e doutorado em Comunicação, com foco em Jornalismo Literário. Professor da UnB, atua nas áreas de texto jornalístico, jornalismo literário e introdução à comunicação. Atualmente, é coordenador do curso de Jornalismo e vice-chefe do

	Departamento de Jornalismo. Além de sua atuação acadêmica, possui experiência em redação e edição em veículos de comunicação.
Márcia Marques	Graduada em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP), turma de 1979. Professora da Universidade de Brasília (UnB), atua principalmente em disciplinas relacionadas à gestão da informação, área na qual também desenvolveu sua pesquisa de doutorado. Coordenadora do Centro de Documentação (CEDOC) da UnB, Márcia se destaca por trazer discussões sobre o armazenamento e a preservação de conteúdos jornalísticos e pela sua contribuição ao estudo da gestão de informação na comunicação.
Solano Nascimento	Formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e possui especialização em Teorias do Jornalismo, além de mestrado em História Ibero-americana pela PUC-RS. Concluiu seu doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), onde é professor associado. Com experiência em jornalismo investigativo, Solano é professor de disciplinas práticas, como o Jornal Laboratório. Também realiza pesquisas na área de jornalismo e ética.
Thaís de Mendonça Jorge	Jornalista e professora da Universidade de Brasília, é formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem mestrado em Ciência Política e doutorado em Comunicação pela UnB. Trabalhou na redação dos Jornais O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, O Tempo, Correio Braziliense e em várias assessorias de comunicação. É docente desde a década de 1990. Sua contribuição no campo da comunicação envolve tanto o ensino quanto a pesquisa, com ênfase na prática jornalística e suas implicações éticas e sociais.

Fonte: Elaboração das autoras

Etapa 3 - Projeto Editorial e Gráfico

Terminadas as análises qualitativas dos dados obtidos na pesquisa de campo – por meio do formulário e das entrevistas –, e com o auxílio das referências bibliográficas, formulamos o projeto editorial e gráfico do zine. Com a definição de conteúdos, editoriais, estilos tipográficos, paleta de cores, *grid* e logotipo.

Por fim, é dado início a construção do produto final a ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. Materializando as discussões da dupla e os argumentos articulados por meio da revisão bibliográfica, e baseando-se nos dados coletados, nos propomos a produzir o guia para calouros de Jornalismo no formato impresso e disponibilizar o PDF por meio da plataforma *Issuu*.

3.1. Projeto Editorial

O Zine foi idealizado com o objetivo de acolher, orientar e facilitar a adaptação dos novos estudantes ao ambiente acadêmico da Universidade de Brasília (UnB). Este projeto editorial visa oferecer um conteúdo dinâmico e acessível, abordando os principais aspectos da vida universitária, do curso de jornalismo e do mercado de trabalho. Estruturado em diferentes editorias, o zine combina informações essenciais, dicas práticas e experiências de veteranos e profissionais, proporcionando uma leitura envolvente e útil para os calouros.

Cada editoria foi cuidadosamente desenvolvida para atender às necessidades dos novos alunos, abordando desde a estrutura curricular e os procedimentos para a formação, até questões mais práticas, como escrita, estágios e a cultura da faculdade. O formato zine, conhecido por sua linguagem leve e visualmente atrativa, foi escolhido para tornar o guia acessível e prático, permitindo que os estudantes encontrem as informações de forma clara e descomplicada.

Este projeto editorial também carrega a missão de incentivar a integração entre calouros, veteranos e a comunidade acadêmica, promovendo o compartilhamento de vivências e conselhos práticos para enfrentar os desafios da graduação. O resultado é um guia completo, que vai além dos manuais institucionais, com um toque criativo e acolhedor.

No planejamento das ações de divulgação da revista, serão utilizados os canais de comunicação institucionais da FAC, como o Instagram, a lista de transmissão por e-mail e o site oficial, para alcançar um público mais amplo. Planeja-se também uma abordagem direta,

com visitas às salas de aula para a divulgação boca a boca. Panfletos contendo QR codes e links reduzidos direcionando para a versão digital no Issuu serão estrategicamente espalhados pela faculdade. Além disso, exemplares impressos da revista serão disponibilizados para consulta em locais-chave da UnB, como a secretaria, a BCE, o CACOM e os espaços de convivência da FAC.

3.1.1. Como se formar, de forma resumida

Esta editoria traz informações essenciais sobre o processo de formação no curso de jornalismo da UnB. Ela explica de forma clara a estrutura curricular, que inclui disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas (módulo livre), além de apresentar dicas sobre como organizar a carga horária para se formar no tempo certo. Também aborda o cálculo de menções e o impacto do IRA (Índice de Rendimento Acadêmico) no desempenho acadêmico.

3.1.2. Cultura FAC

A editoria "Cultura FAC" mergulha nos aspectos que tornam a Faculdade de Comunicação da UnB um ambiente único. Nesta seção, os estudantes encontrarão informações sobre os espaços físicos da faculdade, os eventos e tradições, como o trote anual, e os projetos estudantis em andamento, como as Empresas Juniores (EJs), o jornal e a revista Campus, entre outros. Este espaço é dedicado a ajudar os calouros a se integrarem ao ambiente da FAC, explorando tudo o que ela tem a oferecer além das salas de aula.

3.1.2. Penso, logo escrevo

Aqui, os leitores encontrarão orientações sobre regras gramaticais e estruturas textuais essenciais para a prática jornalística. A editoria ensina conceitos fundamentais, como a construção do lide, a importância da clareza e concisão, além de dicas para usar a crase e as vírgulas corretamente. Também aborda técnicas de estruturação textual para diferentes veículos, destacando a importância da adaptação da linguagem ao meio de comunicação.

3.1.3. De jornalistas para calouros e calouras

Esta seção apresenta depoimentos de profissionais formados na UnB que compartilham suas trajetórias e experiências no mercado de trabalho. Os calouros recebem conselhos sobre áreas de atuação dentro do jornalismo, como assessoria, redação,

fotojornalismo, entre outras. A editoria também mostra exemplos de ex-alunos de sucesso, como Leilane Neubarth e Ana Paula Padrão.

3.1.4. Fala aê, veterano

Nesta editoria, veteranos do curso compartilham suas experiências e dicas com os novos estudantes. Eles falam sobre a importância de fazer estágios, participar de atividades extracurriculares, e oferecem conselhos sobre como aproveitar ao máximo a vida acadêmica. É uma oportunidade para os calouros aprenderem com quem já está mais adiantado no curso.

Encerramos o zine de forma lúdica, com uma cruzadinha temática que desafia os calouros a testarem seus conhecimentos sobre jornalismo e a faculdade. As respostas envolvem termos comuns no dia a dia do curso, personalidades do jornalismo e tradições da FAC. É uma forma divertida de revisar o conteúdo e aprender mais sobre o vocabulário da área.

3.2. Projeto Gráfico

Um projeto gráfico define as características visuais de um produto, além da logística de montagem e impressão – no caso de um material impresso. O objetivo do projeto gráfico é estabelecer uma harmonia entre os elementos visuais e a necessidade editorial, de forma que aqueles não interfiram na qualidade da leitura.

Para tal, são pensados os aspectos visuais (cores, tipografias, formas, texturas, tipo de papel e formato da impressão, encadernação) e editoriais (linguagem, textos, seções, conteúdos) tendo em vista o público-alvo e o teor da publicação.

Figura 7 - Referências visuais



Fonte: Elaboração das autoras (Reprodução)

A escolha pelo formato de zine se deu pela possibilidade de inovação gráfica e editorial e maior liberdade criativa, comum entre esse tipo de publicação. Por esse motivo, consideramos ser um formato que se aproxima mais do público universitário. Desejamos desconstruir a visão de um guia tradicional por meio de um produto despojado, que atraia o público jovem. Uma das estratégias para alcançar esse objetivo é a utilização de uma maior variedade de tipografias, páginas despadronizadas, imagens coloridas, além de linguagem descontraída. E, para não perder de vista o caráter “feito a mão” que desejamos seguir, vão ser feitas intervenções no material impresso com uso de giz, lápis, canetinha, entre outros.

O primeiro passo para a construção do projeto gráfico foi realizar pesquisas nos mecanismos de busca *Pinterest* e *Behance*, com as seguintes palavras: zine, magazine e fanzine. O objetivo era encontrar referências visuais (figura 7) de zines, cores e tipografias.

Em seguida, construímos um *moodboard* com as referências que mais se encaixam na ideia para o projeto final. Bem como, organizamos uma tabela para descrever e armazenar as principais referências práticas com as seguintes colunas: autor; título; tipo do trabalho; palavras-chave; pontos positivos e negativos; citação; link de acesso.

3.2.1. Identidade Visual

Assim como o conteúdo editorial, a identidade visual é uma das etapas mais importantes de um projeto gráfico, nesse caso, do zine. Para compor este projeto, foi necessária a seleção e teste de cores, tipografia, elementos gráficos, texturas, intervenções (pré-impressão e pós-impressão), além do tratamento de fotos e ilustrações.

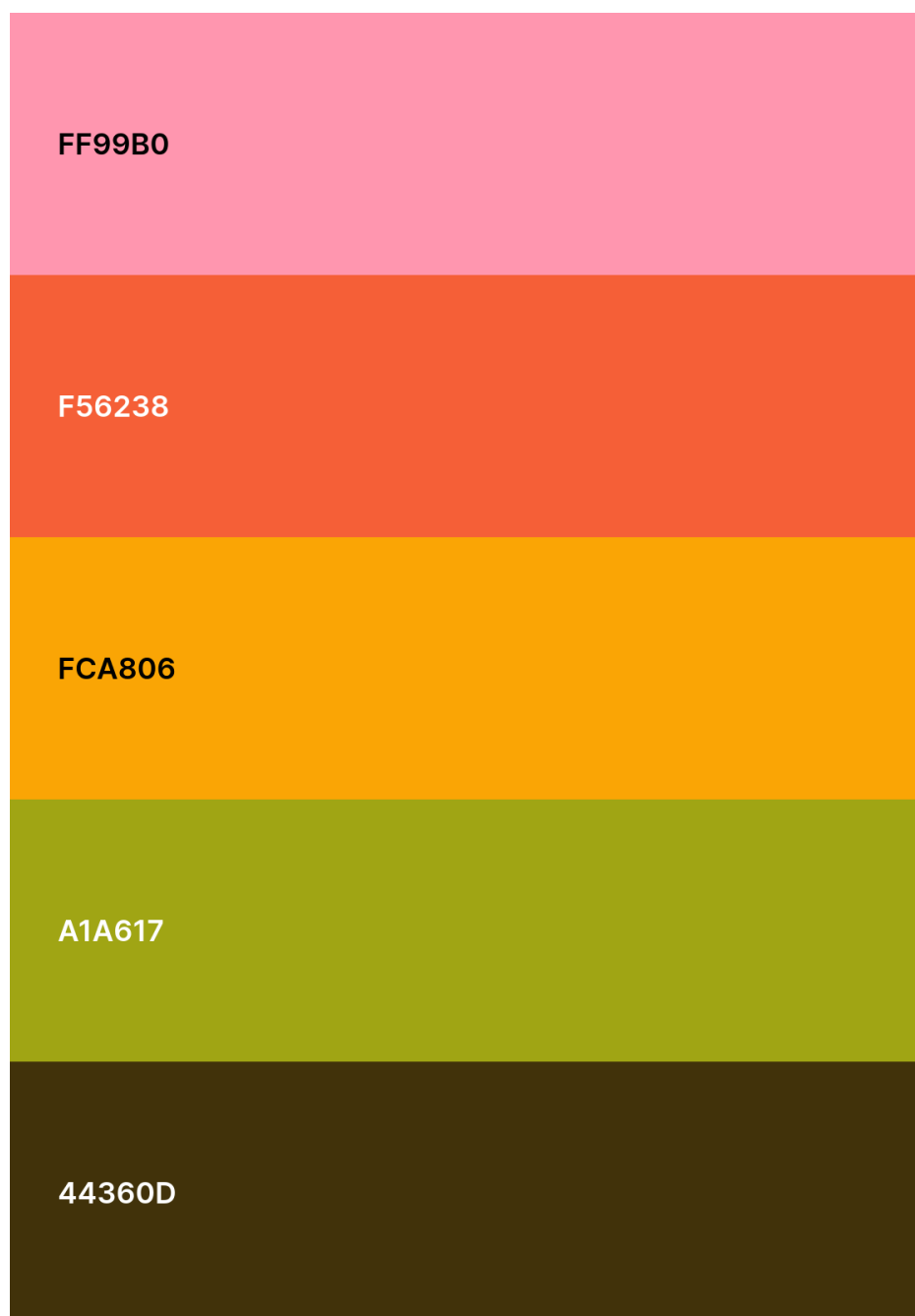
Desta forma, ao unir a identidade visual e o conteúdo escrito conseguimos manifestar a mensagem desenvolvida no escopo do memorial para os calouros de jornalismo.

3.2.1.1. Cores

Depois do processo de idealização, a identidade visual começou a ganhar forma com a escolha da paleta de cores. Nesta etapa, priorizamos cores e combinações de tons quentes e vivos capazes de dialogar com o nosso público-alvo: os calouros de jornalismo.

Escolhemos trabalhar com uma paleta (figura 8) composta por cinco cores principais (rosa, vermelho, amarelo, verde e marrom), com branco e preto sendo complementares. Ou seja, uma paleta de oito cores onde cinco são predominantes e duas auxiliares.

Figura 8 - Paleta de cores



Fonte: Elaboração das autoras pelo Coolors.com (Reprodução)

A proposta do projeto baseia-se na combinação de duas, das três cores, com o preto e branco nas páginas, nas quais cada uma assumirá certo protagonismo. Por exemplo, por meio da harmonia triádica, em uma determinada seção o rosa será a cor predominante e as demais complementares, assim, evitamos uma página “carnavalesca”.

Ao construir a identidade visual, usamos as seguintes características que representam cada cor escolhida para compor a paleta principal:

- Visão arrojada e divertida: rosa
- Dinamismo: vermelho
- Estímulo ao aprendizado: amarelo
- Equilíbrio e harmonia: verde
- Elo entre algo cool e sério: marrom

3.2.1.2. Tipografia

Uma vez que a essência de um zine não depende de padrões gráficos, decidimos, no intuito de “despadronizar” as páginas, trabalhar com quatro fontes (todas sem serifa) e uma adicional apenas para a capa — este último funciona como uma espécie de logotipo.

A combinação de fontes é peça-chave para dar o tom necessário para o nosso projeto gráfico e editorial. Cada página conta com a mistura de tipos e cores, mas, claro, de forma consciente para não se fugir do objetivo principal: ter o mínimo de ruídos na comunicação.

Como tipografia, escolhemos a utilização da fonte Montserrat (open source) e Brasilêro (open source) aplicadas como fonte para textos de corpo, legendas e créditos. Enquanto para títulos e intertítulos, determinamos a aplicação da fonte Brasilêro, São Torpes (open source), Staatliches (open source), Kitsune Udon (open source) e Adobe Handwriting - Tiffany (paga).

Fontes que compõem o projeto gráfico:

- Montserrat - texto e legendas
- Staatliches - títulos e intertítulos
- São Torpes - títulos e intertítulos
- Brasilêro - texto, legendas, títulos e intertítulos
- Kitsune Udon - texto e intertítulos
- Adobe Handwriting Tiffany - texto e intertítulos
- Logotipo/Capa - mistura das tipografias selecionadas

3.2.1.3. Elementos gráficos

Outro fator essencial no trabalho são os conjuntos de elementos gráficos. De intervenções no papel (no *InDesign* e pós-impressão), rabiscos a texturas. A função desses recursos permeia o conceito de “feito à mão”, que está relacionado com a definição de zine, apresentada nesse trabalho de conclusão de curso.

Também optamos por usar páginas hiperlinks, uma espécie de “link” dentro do próprio material impresso. Esse modelo segue a seguinte organização: uma folha menor fica disposta em uma página para desdobrar um assunto ou “quebrar a quarta parede” por meio de mensagens das autoras direcionadas aos calouros — em suma, o uso desse elemento é uma maneira de expandir o diálogo com o público-alvo, além da produção editorial.

Esse conceito não é novidade no universo editorial. Durante a pesquisa deste zine, analisamos projetos gráficos-editoriais que usam dessa ferramenta com o foco de representar as possibilidades multimídia de plataformas web, como sites e aplicativos. O seguinte trabalho tem o foco de expandir essa prática e não apenas “traduzir” elementos do digital para o impresso. Como também ressignificar os padrões de como um material impresso precisa ser pensado, diagramado e desenvolvido.

3.2.1.4. Fotografia

Nesta parte visual, optamos por utilizar fotos e ilustrações de bancos de imagens com direitos autorais livres destinados a uso pessoal, acadêmico e comercial.

Ao selecionar as peças, começa-se o processo de tratamento no *Photoshop*. Desta forma pretendemos acrescentar intervenções e efeitos, seguindo a paleta de cores proposta.

3.2.1.5. Referências Visuais

A fim de coletar ideias para a orientação do desenvolvimento do projeto visual e editorial deste zine, a dupla organizou um *moodboard* — conjunto de fotos, ilustrações, cores, elementos, entre outros. A organização do moodboard segue as seguintes divisões: capa (figura 9), aplicação de cores e disposição gráfica nas páginas.

Figura 9 - Referências de capas



Fonte: Pinterest

3.2.2. Impressão e formato

Após concluir as etapas sobre a identidade visual, iniciamos o processo de criação do produto no *InDesign* para definir o comprimento, testar margens e definir o *grid*.

Como o formato de zine oferece melhor custo benefício e facilidade de replicação, optamos pelo método de escaneamento, muito comum na produção de zines.

Para elaborar o produto deste projeto foram utilizados os softwares da Adobe – *Photoshop*, *Illustrator* e *InDesign* –, responsáveis, respectivamente, pela edição e tratamento de imagem, criação de elementos visuais e diagramação do projeto.

No caso da impressão do zine, decidimos pelo formato de papel A5, com dimensões 210 por 148 milímetros (mm). Para ilustrar, o tamanho de uma folha A5 é metade de uma A4.

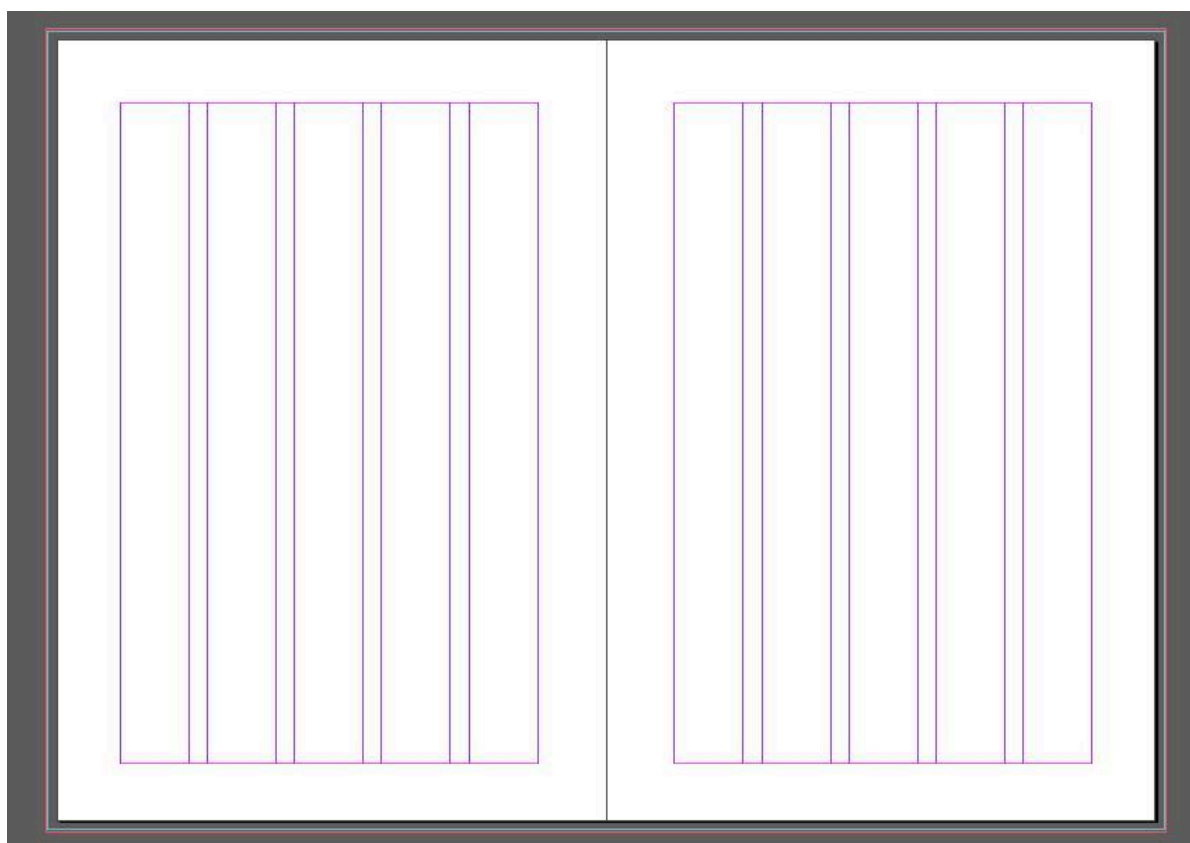
O trabalho será impresso *em papel AP 120 gramas*. A encadernação será por grampeamento, ainda na intenção de se aproximar da ideia de produto simples e feito a mão.

3.2.3. Grid

Depois de decidido o formato, o *grid* (figura 10 e figura 11) vai estabelecer a melhor forma de dispor o conteúdo dentro das páginas. O objetivo inicial era utilizar uma quantidade de colunas que possibilitasse um maior respiro nas páginas, ao trabalhar com os espaços negativos para permitir uma maior flexibilidade para a diagramação do zine.

A partir disso, decidimos por um número ímpar de cinco colunas, com medianiz (espaço entre as colunas) de 5 mm. As margens superior e inferior escolhidas têm os respectivos valores, 17 mm e 15,28 mm, enquanto as margens internas e externas determinadas são 18,5 mm e 17 mm. A ideia é utilizar o espaço disponível de forma criativa e inovadora, sem se ater a padrões ao longo das páginas.

Figura 10 - Grid sem a baseline



Fonte: Elaboração das autoras (Reprodução)

Figura 11 - Grid com a baseline

6. Análise de Resultados

Ao longo do processo de construção do projeto, em meio às opiniões de colegas de profissão, estudantes e professores, percebemos ainda mais a importância de desenvolver o prazer pela leitura e escrita. E, como estudantes de jornalismo, não perder de vista as oportunidades de capacitação desde cedo, seja por meio de estágios, cursos, projetos de pesquisa e trabalho voluntário. Ter sempre uma atenção especial ao português e à informação, verificar duas, três vezes se for preciso. E, em especial no jornalismo, nunca perder de vista o público e sua heterogeneidade.

6.1 - Formulários

No total, 21 pessoas responderam à primeira versão e sete responderam à segunda versão dos formulários.

As respostas ao formulário direcionado aos estudantes de jornalismo da UnB, em sua maioria veteranos com idades entre 20 e 24 anos, revelam um panorama variado de experiências e percepções sobre o curso. Cerca de 52% dos alunos vieram de escolas públicas e a maioria demonstra facilidade em compreender e redigir textos. Embora sete pessoas tenham relatado dificuldades de adaptação à vivência acadêmica, seis discordaram dessa afirmação.

Em relação ao currículo, grande parte dos estudantes já conhece bem a estrutura do curso, e a maioria não teve dificuldades em acompanhar as disciplinas iniciais ou esclarecer dúvidas com os professores. No entanto, 66% dos estudantes não estão familiarizados com o CEDOC, sugerindo uma necessidade de maior divulgação sobre este espaço.

Ao serem questionados sobre sua satisfação com o curso, as respostas variaram. Alguns alunos destacam a qualidade da formação, embora mencionem que o isolamento durante a pandemia e a didática de certos professores afetaram sua experiência. Outros apontaram que o curso precisa de atualizações, com mais ênfase em práticas textuais e discussões profundas sobre áreas de atuação no jornalismo. Além disso, muitos demonstram preocupação com o mercado de trabalho e o atraso na formatura. No entanto, uma parcela significativa continua se identificando com o curso e as possibilidades profissionais que ele oferece.

Quanto à relação com os professores, os alunos elogiaram alguns docentes pela abertura e acessibilidade, mas houve críticas sobre atitudes desestimulantes e falta de empatia

por parte de outros. Alguns relatam que professores sugeriram ter um "plano B", o que contribuiu para a insegurança dos alunos em relação à carreira jornalística.

Em relação ao Guia, os estudantes esperam encontrar informações práticas sobre o funcionamento do SIGAA, a escolha de disciplinas, fluxograma do curso, além de dicas sobre estágios, projetos de extensão e atividades extracurriculares. Outros destacaram a importância de incluir relatos de estudantes veteranos sobre suas vivências acadêmicas e profissionais.

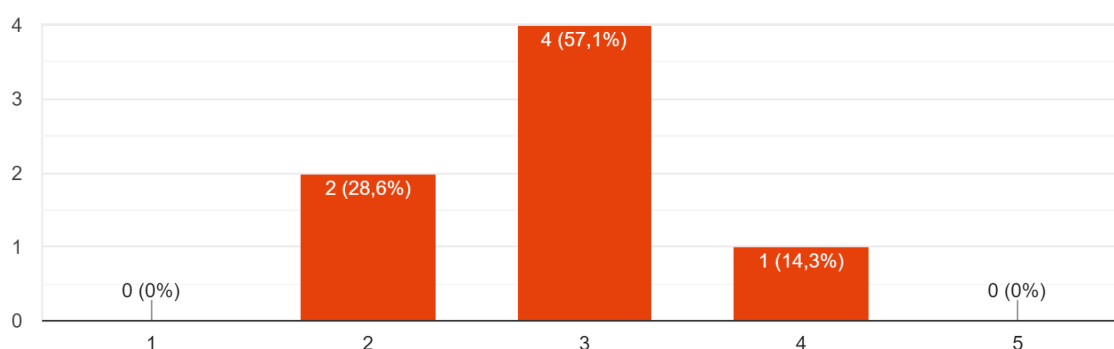
Por fim, vários alunos mencionaram dificuldades para encontrar informações sobre o curso, especialmente sobre estágios, horas complementares e TCC. Alguns criticaram a falta de comunicação eficaz da faculdade e o site desatualizado, sugerindo que melhorias nesse aspecto poderiam facilitar a vida acadêmica. No entanto, muitos destacaram que as redes sociais e a comunicação com colegas são as principais fontes de informação sobre a UnB e a FAC.

Sete estudantes do primeiro semestre de 2024, a maioria com idades entre 15 e 19 anos, responderam as 12 perguntas da segunda versão do formulário.

Figura 12 - Respostas da segunda versão do formulário

3. Tive dificuldades em me adaptar à vivência acadêmica

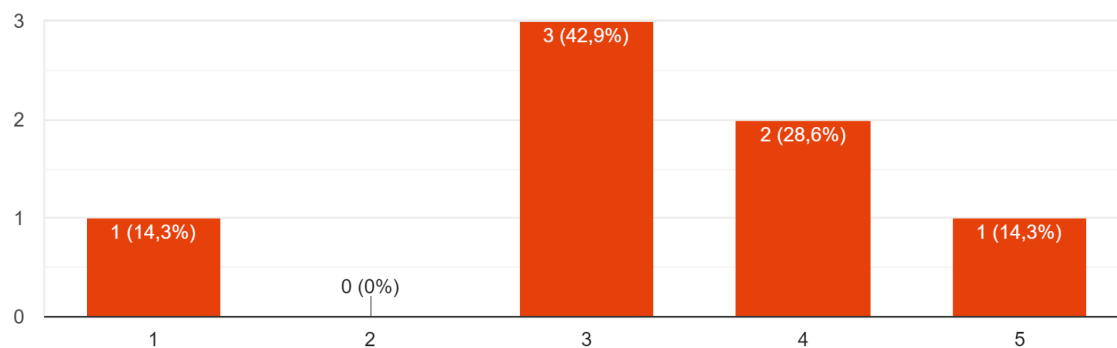
7 respostas



Fonte: Elaboração das autoras

Figura 13 - Respostas da segunda versão do formulário**4. Conheço o currículo da graduação de jornalismo**

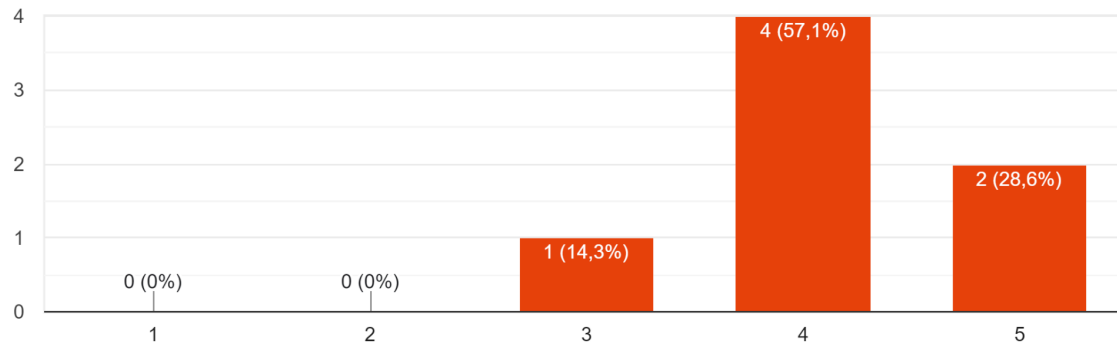
7 respostas



Fonte: Elaboração das autoras

Figura 14 - Respostas da segunda versão do formulário**5. Estou satisfeito(a) com o curso**

7 respostas

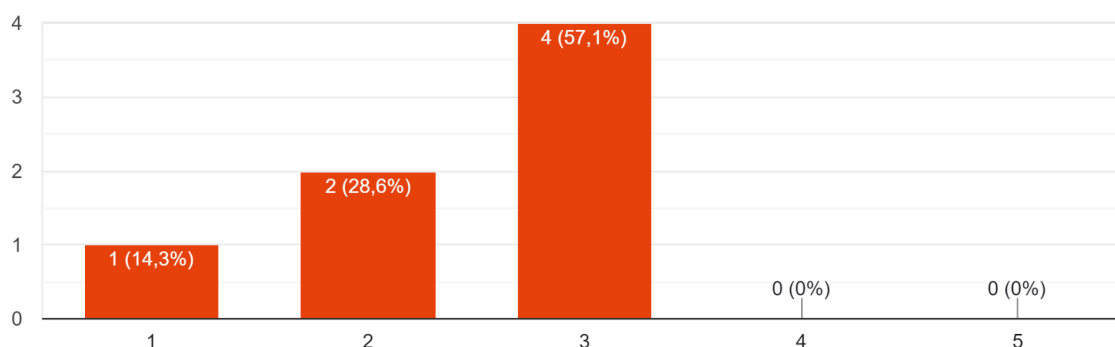


Fonte: Elaboração das autoras

Figura 15 - Respostas da segunda versão do formulário

7. Dificilmente encontro as informações que preciso sobre o funcionamento do curso

7 respostas

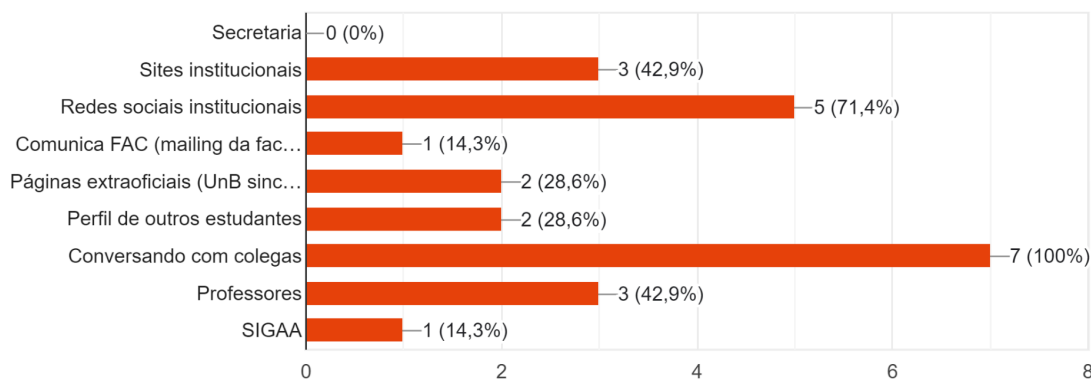


Fonte: Elaboração das autoras

Figura 16 - Respostas da segunda versão do formulário

8. Onde você geralmente busca informações sobre a Faculdade de Comunicação?

7 respostas



Fonte: Elaboração das autoras

A maioria dos calouros demonstra satisfação com o curso de jornalismo (figura 14), destacando o acolhimento dos professores e a boa convivência com colegas. Alguns mencionam que os veteranos não foram muito receptivos. Apesar de elogios à estrutura do curso e aos professores, uma aluna relatou sentir-se um pouco perdida e desmotivada devido à ênfase do curso em formar âncoras e repórteres, o que a fez considerar mudar de área. Um aluno internacional destacou os desafios, mas avaliou sua experiência positivamente.

Em relação às dúvidas sobre o mercado de trabalho, as principais questões giram em torno da disponibilidade de oportunidades, das diferentes funções e áreas de atuação, além da

insegurança quanto às opções disponíveis. Muitos desejam mais clareza sobre as possíveis áreas que podem explorar após a graduação, enquanto outros esperam que essas dúvidas se esclareçam ao longo do curso.

Os calouros esperam que o guia contenha informações práticas sobre o funcionamento da universidade, como matrículas e navegação nos sistemas da UnB, além de uma apresentação do campus e dos projetos de extensão. Além disso, querem detalhes sobre as matérias do curso, áreas de atuação no mercado de trabalho, salários, dicas sobre disciplinas optativas e oportunidades na faculdade, como as Empresas Juniores (EJs).

Os sete estudantes acham relevante a criação de um guia para calouros de jornalismo.

6.2 - Entrevistas

Cada um dos profissionais demonstrou, à sua maneira, a paixão pelo jornalismo. Todos escolheram a área e se mantêm nela por esse motivo. Alguns leem o Correio Braziliense ou assistem às eleições ou acompanham o rádio desde criança. Alguns sentem a necessidade de se despejar na palavra escrita, outros são atraídos pela função social do jornalismo. Thalyta Almeida acredita que, sem essa paixão, “em algum momento você vai parar”.

Mesmo com o brilho nos olhos, há também os desencantos. O mercado de trabalho pode ser cruel em uma profissão que exige muito. Os profissionais precisam ser multifacetados e dominar diferentes tecnologias. Mas, ao mesmo tempo, se aprofundar em um assunto e dominar essa área. Por isso, é importante se qualificar desde sempre. Além da exigência “intelectual”, o jornalista deve enfrentar carga horária excessiva, desvalorização e concorrência acirrada entre veículos e profissionais.

No entanto, os desafios e o dinamismo da profissão também podem ser vistos como uma vantagem. Para o jornalista não há rotina, e, portanto, não há monotonia. Cada dia é um assunto diferente, pessoas novas, visões diversas. O mercado de trabalho é amplo e cheio de oportunidades. Mas Pedro Peduzzi, da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), recomenda investir no jornalismo público, onde escrevem para “cidadãos, não para consumidores”.

Para se inserir nesse mercado, seja de empresas públicas ou privadas, os jornalistas aconselham ler, e muito. Consumir de tudo e não dispensar a informação, afinal, qualquer coisa pode ser interessante para o jornalista. O combo “gostar de ler e escrever” é indispensável. Importante também é ter sensibilidade no ouvir e perspicácia no olhar.

Quanto ao jovem profissional, o estagiário, a ênfase recaiu sobre a importância da proatividade e disposição para aprender além das demandas diárias. Léo Meireles, do

Metrópoles, fez uma alusão à esponja ao explicar que o estagiário deve tentar absorver tudo que o editor pode ensinar. Também é importante saber que a notícia vai além da redação. No sentido de ser essencial se deslocar durante a apuração e não se acomodar com as novas ferramentas. Caso o estagiário tenha disposição e presença de espírito para seguir todas as dicas, ele será lembrado, independente do tempo que passar no estágio.

No caso das dicas textuais, a regra é a mesma entre os jornalistas, seja foca ou veterano: linguagem simples, clara e objetiva. Nada de palavras rebuscadas. Afinal, deve-se comunicar com todos os públicos. Para ajudar nessa tarefa, é aconselhado ter em mente as perguntas do lide e a noção da pirâmide invertida. No jornalismo, a história deve ser contada pelo final, respondendo nos primeiros parágrafos as perguntas: o quê, quem, quando, onde e porquê. Depois de dominada esta técnica é que se pode começar a fazer literatura.

As entrevistas com os professores de Jornalismo da Universidade de Brasília abordaram a trajetória acadêmica e profissional de cada um, além de suas percepções sobre o mercado de trabalho no jornalismo. Os entrevistados ressaltaram as mudanças na profissão, principalmente devido às transformações digitais. Entre os desafios apontados, destacam-se as dificuldades dos estudantes com a escrita, apuração e o uso correto de vírgulas e concordância. A maioria concordou que a leitura é uma ferramenta essencial para melhorar a escrita e o entendimento da realidade. Também foi enfatizada a importância de uma formação ampla e interdisciplinar, para que os estudantes adquiram habilidades em diferentes áreas, como economia e sociologia, além de jornalismo. Quanto às dicas para os calouros, os professores sugeriram ler mais, explorar a universidade e se preparar para um mercado em constante mudança, com novas demandas e oportunidades, como no jornalismo digital e em assessorias.

Esses pontos refletem a necessidade de um guia prático e atualizado para os estudantes, como proposto no nosso projeto.

6.3 - Projeto Editorial e Gráfico

Depois de finalizar as rodadas de entrevistas (com professores e profissionais do mercado de trabalho), pesquisas e coleta de dados (com os estudantes de jornalismo da FAC), o projeto editorial começou a ganhar corpo. A partir disso, fomos capazes de decidir as editorias do zine ao realizar uma seleção dos temas e sugestões feitas pelos entrevistados com o seguinte pensamento: “O que podemos fazer para tornar o conteúdo atrativo e novo?”.

Para ilustrar, durante as entrevistas, os professores frisaram a importância de termos uma editoria com dicas de escrita. A partir disso, pensamos em apresentar as regras

gramaticais e apresentar exemplos interativos para tornar o contato com as informações mais palatável. Ainda sob esse contexto, pensamos em criar um “Jogo dos Sete Erros” para os estudantes colocarem em prática os conhecimentos adquiridos na leitura do *Deadline*.

Outro tema sugerido foi mostrar para os calouros aspectos sobre o mercado de trabalho. Por se tratar da primeira edição do zine, preferimos não abordar toda a gama da vida profissional do jornalista e optamos apresentar algumas áreas e funções para entrar no radar dos futuros profissionais. Estimular a busca por desenvolver e aprimorar habilidades e competências necessárias para trilhar o caminho escolhido como profissional. Outro aspecto pensado foi mostrar quem passou pela Faculdade de Comunicação, com intuito de reforçar que eles, sem exceção, podem conseguir ocupar qualquer posto no mercado de trabalho.

Contudo, a construção do zine apresentou alguns pontos falhos. Entre eles, a aplicação do formulário para os estudantes de jornalismo. Nessa etapa da metodologia, os resultados não foram tão satisfatórios na questão qualitativa e, por isso, foram pouco utilizados na construção da peça editorial do zine. O uso dessa ferramenta de coleta de dados também mostrou ter pouca adesão entre os calouros e veteranos, limitando as respostas.

Tivemos a percepção de que as perguntas não foram eficazes para obter informações qualificadas a fim de serem incorporadas ao projeto editorial do zine — que ganhou um escopo mais sólido a partir das entrevistas com os professores da FAC e profissionais da área.

O uso da linguagem simples para explicar métodos da prática jornalística, dos processos administrativos da FAC, dentre outros temas “obscuros” e mais lúdicos mostrou ser eficiente e basilar para a aproximação entre calouros e a faculdade.

Uma das propostas iniciais deste projeto era fazer uma adaptação do material impresso para a internet, ou seja, desenvolver uma releitura do conteúdo físico para o universo digital. O chamado e-zine seria hospedado em um site ou aplicativo gratuito.

O e-zine, webzine, cyberzine, zine eletrônico, zine virtual, revista eletrônica, e-magazine, entre outros, “resulta da expansão e migração do (fan)zine para o ambiente virtual” (Zavam, Aurea, 2007). Assim como defendido pelo autor Marcelo Freire (2015), acreditamos que a produção de uma revista digital ou e-zine não se restringe a um resumo de informações já divulgadas, mas sim uma reflexão sobre esse conteúdo (Canavilhas, 2015, p. 406). Ou seja, o impresso e o digital são dois universos paralelos, cada um com a própria linha editorial, público-alvo e interfaces. Desta forma, antes de apenas “copiar” o material para o digital, é necessário analisar as oportunidades presentes no meio de comunicação — que possibilita a exploração de recursos multimídia e a conectividade.

A ideia, contudo, não conseguiu sair do papel devido a questões relacionadas à falta de afinidade com programação ou ambientes on-line, como o Figma e programação de websites, bem como a falta de tempo hábil para executá-la.

Outro processo que enfrentamos dificuldades foi a impressão. Além do alto custo empenhado para garantir um material de qualidade, não conseguimos concretizar a ideia de testar a possibilidade de produzir “réplicas caseiras” — uma das características ligadas à definição de um zine — devido à falta de recursos, como impressoras e recursos financeiros.

Considerações finais

Durante a construção deste Projeto Final em Jornalismo entramos em contato com conceitos fundamentais do curso e da profissão de jornalista. Neste processo de revisitar os primeiros passos que damos na graduação na Faculdade de Comunicação, entendemos a importância de ter um bom direcionamento nesta etapa para nos encontrarmos dentro da formação acadêmica e como profissionais. A partir disso, um guia torna-se um item capaz de direcionar e tornar os caminhos menos confusos e obscuros para os calouros.

Nosso objetivo foi construir um material que pudesse acolher e orientar os novos estudantes, proporcionando uma experiência mais leve e segura ao longo dos primeiros semestres. Com uma linguagem acessível e descontraída, buscamos reduzir as barreiras comuns na adaptação à vida universitária, além de esclarecer processos burocráticos e oferecer dicas práticas sobre o curso de jornalismo e o ambiente acadêmico como um todo.

A experiência de desenvolver este projeto foi um desafio enriquecedor. Revisitar o começo da nossa trajetória acadêmica nos fez refletir sobre nossas próprias dificuldades e descobertas, e nos colocou no lugar dos calouros, que iniciam a graduação cheios de expectativas, mas também de dúvidas. Cada etapa do processo, desde a pesquisa até a diagramação, nos permitiu aplicar na prática muitos dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de jornalismo, como a importância de adaptar a linguagem ao público-alvo, a clareza na comunicação dos fatos e o cuidado com a apuração das informações.

Produzir o guia foi, sem dúvida, um aprendizado constante. Envolveu escolhas editoriais e estéticas que refletiram não só a função prática do produto, mas também sua capacidade de engajar e conectar os novos estudantes ao ambiente da universidade. Além disso, o desafio de condensar as informações mais importantes de forma objetiva e

visualmente atraente nos fez compreender, na prática, o valor da simplicidade e da eficiência na comunicação.

Ao final deste projeto, ficamos com a sensação de dever cumprido, pois acreditamos que o guia vai além de um simples manual. Ele simboliza nossa própria jornada, as dificuldades que enfrentamos e o desejo de contribuir para que os novos alunos não se sintam perdidos ou desamparados. A criação deste produto não só nos formou como profissionais, mas também nos proporcionou uma conexão mais profunda com a comunidade acadêmica e com o compromisso de transformar informação em apoio e acolhimento.

Por fim, acreditamos que, mesmo não extinguindo os ruídos de comunicação entre os calouros e a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, o projeto foi capaz de avançar alguns passos à caminho da integração da comunidade acadêmica. Esperamos que o guia sirva como uma referência contínua, cumprindo seu papel de orientar e inspirar aqueles que estão começando.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. *Gramática: texto, análise e construção de sentido*. Volume único. São Paulo: Moderna, 2006.

Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2004). Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. Em Mercuri & A. J. Polydoro (orgs.). *Estudante universitário: características e experiências de formação*. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária

BARTEL, Julie. **From A to Zine: Building a winning zine collection in your library**. Chicago: American Library Association, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ESTADÃO. *Manual de redação: esclareça suas dúvidas*. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/esclareca/declaracoestextuais>. Acesso em: 8 maio 2024.

FISCHER, Heloisa. **Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania - Subsídios do movimento mundial pela linguagem clara para facilitar a compreensão de textos que orientam cidadãos brasileiros em ambientes de governo eletrônico**. PUC-Rio, 2018.

FISCHER, Heloisa. **Impacto da linguagem simples na compreensibilidade da informação em governo eletrônico: O caso de um benefício do INSS**. PUC-Rio, 2021.

IGUE, É. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B.. **Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes**. *Psico-USF*, v. 13, n. 2, p. 155–164, jul. 2008.

INTERNATIONAL PLAIN LANGUAGE FEDERATION. **Whats is plain language?**. Disponível em: <https://www.iplfederation.org/plain-language/>. Acesso em: 7 de abril de 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2006.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros Passos.

MARTINS, Stefan; FILGUEIRAS, Lucia. **Métodos de avaliação de apreensibilidade das informações textuais: uma aplicação em sítios de governo eletrônico**. Pesquisa apresentada no Congresso Latino-americano de Interação Humano-Computador. Rio de Janeiro, 2007. Poli-USP, 2007.

NADIS, Fred. **The man from Mars: Ray Palmer's Amazing Pulp Journey**. Fred Nadis. New York: Penguin Group (USA), 2013.

NEGRI, Ana Camilla. **Quarenta anos de fanzine no Brasil: o pioneirismo de Edson Rontani**. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, LUGAR, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33397517009226686802074911246237676525.pdf>

SANTOS, A. A. A. DOS . et al.. Integração ao ensino superior e satisfação acadêmica em universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 4, p. 780–793, 2013.

SANTOS, Fabiana Crispino; GONÇALVES, Marcio; OLIVEIRA, Elaine Vidal; MAGALHÃES, Mirian Martins da Motta. **O jornalismo impresso na era digital: implicações na decodificação de um novo gênero**. 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/115>

SENADO FEDERAL. *Manual de comunicação do Senado Federal: redação e estilo*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo>. Acesso em: 8 maio 2024.

TEIXEIRA, M. A. P. et al.. Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 1, p. 185–202, jun. 2008.

VENDRAMINI, C. M. M. et al.. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 9, n. 2, p. 259–268, maio 2004.

ZAVAM, Aurea Suely. **E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42438>

Apêndice A - Entrevista com David Renault

Áreas de atuação
<p>O jornalismo mudou muito nas últimas décadas. A partir do advento da internet, o jornalismo passou por profundas transformações. Você tem as chamadas áreas tradicionais de jornalismo, por exemplo: trabalhar em jornal, revista, emissoras de rádio, televisão, assessoria de comunicação, assessoria de jornalismo. Esse sempre foi o trabalho do jornalismo, só que isso hoje tem outra característica. Por exemplo, eu trabalhava em jornal diário. Começava a trabalhar de manhã e acabava oito, nove, dez da noite e acabou, ia trabalhar no outro dia. Hoje você trabalha no Globo, no Estado de São Paulo, em qualquer jornal diário você trabalha o dia inteiro. Você tem que alimentar o portal do jornal. Às vezes você tem que alimentar serviços internos de televisão, de rádio. Quer dizer, exige-se muito mais do jornalista. Existe uma dedicação muito maior. Qualquer que seja o meio que você trabalha. [...] Tudo isso, tudo o que se implica em jornalismo hoje, com as novas tecnologias, é muito mais abrangente. Você às vezes tem que fazer um podcast, tem que gravar um programa de televisão, tudo uma pessoa só. Quando, antigamente, os jornalistas de rádio eram de rádio, televisão de televisão, de jornal de jornal. [...] Quer dizer, as atividades dos jornalistas, se você perguntar, elas continuam as antigas, multiplicadas por novas atribuições. Eu vejo assim.</p>
Mercado de Trabalho
<p>Olha, o mercado tem mudado muito, muito. [...] Hoje, esses veículos tradicionais, jornal, revista, rádio, televisão, representam um mercado muito menor do que o outro mercado formado pelas assessorias. Porque a assessoria hoje não é só escrever um press-release e passar. [...] Então, esse mercado está em transformação. Ele é maior ou melhor ou menor do que antes? Eu diria que, quando eu comecei era muito mais fácil. Você tinha mais oportunidades de trabalho nos veículos tradicionais. Esse mercado hoje migrou mais para essa área de assessorias integradas. O mercado tem mais emprego disponível? Não sei, não tenho essa estatística direito. Inclusive porque você teve no Brasil, nas últimas décadas, um crescimento muito grande dos cursos da área de jornalismo e comunicação em geral. Então você tem uma oferta de vagas muito maior. Tem um número de profissionais que chegam ao mercado muito maior do que se existia antes. Então eu não saberia dizer se essa relação da vaga disponível pelas pessoas que saem está mais equilibrada do que era antes.</p>
Vantagens e Desvantagens da Profissão
<p>Olha, eu costumo dizer, para os meus alunos no primeiro semestre que o jornalismo, não é para qualquer um, não se iluda. Uma parcela mínima das pessoas que entram nos cursos de jornalismo vão ser repórteres especiais da Rede Globo. A maioria vai ralar em outros lugares. Eu acho que o jornalismo é para quem quer, para quem tem vocação. Porque o jornalismo é uma profissão que exige muito sacrifício. Você não tem sábado, não tem domingo, não tem natal, não tem ano novo. Dependendo de onde você trabalha, você consegue dar um plantão no natal e folgar no ano novo. Se não estiver acontecendo posse do presidente da república, se não tiver uma crise, etc. Antigamente, por exemplo, no Estadão eu trabalhei de 1974 a 1984. O Estadão não circulava segunda-feira. O que significa isso? A gente não trabalhava fim de semana. Hoje circula o tempo inteiro, o dia inteiro. Então, é uma profissão que exige muito sacrifício, muito desprendimento e muita</p>

dedicação. E exige uma coisa que as pessoas às vezes não compreendem bem. Exige um esforço muito grande para você ter uma boa formação. Para você alcançar umas funções, umas atribuições, cargos relevantes na imprensa, você precisa ter uma boa formação. E ter uma boa formação não é só saber escrever direitinho. Você precisa ter uma boa formação sobre áreas com gênero, você precisa estar bem informado, estudar um pouco, você precisa saber o que acontece na política do país, na economia. Porque, inclusive, há 30 anos atrás, 20, você ainda tinha uma estratificação muito grande, você era repórter de economia, você era repórter de política, você era repórter de nacional. Hoje em dia você é repórter de política, economia, nacional, o que pintar, entendeu? Então exige o quê? Uma bela formação, exige um sacrifício pessoal. Exige um desprendimento muito grande com salários que nem sempre são tão compensatórios. Evidentemente, se você for trabalhar em assessoria, dependendo da assessoria, você não tem alguns dos problemas que você tem no veículo tradicional que está todo o tempo produzindo notícias. Mas isso aí é outra opção. Por isso que eu digo: é vocação. Tem gente que acha que não é importante ter saído de uma bela reportagem. Outras acham que você poder fazer algum tipo de jornalismo, por exemplo, em um país como o Brasil que tem tantos problemas, você fazer uma grande reportagem sobre uma denúncia de um caso qualquer que tenha repercussão, que tenha consequência, isso é uma grande satisfação pessoal para as pessoas. Tem gente, por exemplo, que gosta de televisão, porque gosta de ser reconhecido na rua. Isso é uma vantagem. Você tem as suas vantagens. Você fazer o que você gosta, você ter o reconhecimento da profissão. Por outro lado, eu vejo esse problema do sacrifício pessoal e da remuneração, que às vezes não compensa muito diante do sacrifício que você tem. Nada é perfeito.

Diferenciais do Jornalista

O jornalista tem que ter uma boa formação. Por isso que eu digo para as pessoas, vai fazer disciplina na economia, na sociologia, nas letras, no direito. Quer dizer, você não pode fechar a sua formação nesse nicho do jornalismo, ou no máximo na publicidade, no audiovisual. Essa conta vai ser cobrada depois. Então, quanto mais cedo você começar sua formação, você vai conseguir um melhor resultado lá adiante. Ponto dois: você tem que aprender a fazer bem o que você faz. Como é que você aprende a fazer jornalismo? Fazendo. Você só aprende a ser um bom repórter, capaz de apurar boas informações, apurando, buscando. Não é ficando sentado no telefone achando que vai ficar fazendo entrevistinha por internet que vai resolver tudo. Hoje, há uma resistência das pessoas de ir à rua, de apurar, de entrevistar, de ver as pessoas, de ver os fatos, de ter esse olhar. Então, ter uma bela formação no jornalismo. Aprenda a escrever muito bem. Ninguém é bom. Ninguém nasce sabendo escrever. Aprenda a escrever bem. Primeira lição, leia quem escreve bem. Leia os grandes escritores. Busque escritores que têm uma formação jornalística. Você tem os clássicos da geração mais contemporânea, os americanos, Hemingway, por exemplo. Aqui no Brasil Machado de Assis trabalhou no jornal, Lima Barreto... Para citar alguns exemplos. Rui Castro, Garcia Marques, são pessoas que têm uma origem jornalística. Ao ler os autores, você acaba absorvendo algumas técnicas, alguns princípios do que seja uma boa redação. Então, ter uma boa formação geral e ter uma boa formação muito específica, que é saber apurar com responsabilidade, com precisão e com proficiência. É saber escrever e editar e cumprir todas as outras instruções que estão previstas no jornalismo.

Dificuldades dos Estudantes

Uma coisa que eu vejo muito em alguns estudantes, que não é uma coisa generalizada, você não pode dizer que todos têm esse problema, eu vejo que às vezes muitos alunos chegam aqui com a formação do ensino fundamental e médio muito precarizada. Essa questão do hábito de leitura, por exemplo, muito pouco... Quantos livros você já leu? Leu aqueles livros que são obrigatórios no curso, aqueles que são obrigatórios numa prova de vestibular, do ENEM, etc. Isso é muito ruim, isso não contribui para a formação dele. Ele chega com uma formação prejudicada. Se você não tem o hábito de leitura – a literatura é um hábito – vai ser mais difícil você aprender a ler dentro da universidade. Aprende, se quiser aprende. Mas isso já é ruim. Muitas vezes você vê a formação que vem do ensino fundamental e médio. Problemas com a língua portuguesa, problemas de conhecimentos gerais. O jornalista pode ser até muito específico, mas você precisa ter conhecimentos gerais. Você precisa conhecer a história do Brasil. A história política, a história econômica do mundo, mas é bom conhecer a do Brasil pelo menos, porque isso vai bater na sua frente em algum momento. Eu acho que um dos problemas, todos decorrem do sistema educacional brasileiro. Por exemplo, quando você estabelece o sistema de cotas para instituições públicas, eu sou absolutamente a favor, acho que é imprescindível por alguns bons anos ainda, para você ir recuperando um passado de coisas que não foram feitas. Mas isso teria que ser acompanhado desde lá do começo, de uma melhoria da qualidade do ensino fundamental e médio, que não houve. [...] Eu acho que hoje um grande problema é a questão socioeconômica. Muita gente entra aqui tendo que trabalhar. Eu acho isso uma loucura. Por exemplo, a legislação fala assim: um aluno pode fazer estágio a partir do segundo semestre. Se você imaginar que estágio é uma atividade prática que complementa a sua atividade acadêmica, o que ele tem a fazer na prática no segundo semestre? Mas ele precisa trabalhar, ele precisa daquela “rendazinha” que um estágio dá pra ele pra se sustentar. Às vezes até pra ajudar a sustentar a família. Então, cadê o tempo que ele tem pra estudar? Cadê o tempo que ele tem para se dedicar aos estudos, para recuperar talvez aquele tempo passado que ele não conseguiu ter uma formação adequada. Não tem. Esse é um problema sério. O estado brasileiro não resolveu. Não conseguiu resolver. [...]

Erros Textuais

Às vezes você pega alunos que têm problemas básicos da língua. Não há domínio correto do português. Um outro problema: dificuldade de transmitir a informação de forma clara, correta, com precisão e objetividade, de forma sucinta, porque é isso que o bom jornalista faz. Então, eu acho que há problemas da própria língua, há problemas de dificuldade de pegar uma informação e tentar colocar no texto aquela informação da forma mais adequada, jornalisticamente pensando. E, às vezes, desenvolver uma ideia, uma opinião. [...] Quer dizer, essa dificuldade eu vejo muito nos textos. Inclusive, às vezes, em alunos que já passaram por algumas disciplinas do curso. É uma prática que eu acho que é importante para qualquer estudante de jornalismo tentar desenvolver.

O que é escrever bem?

Escrever bem é pegar uma informação, qualquer que seja, e escrever de forma objetiva, sucinta, clara, correta e de forma imparcial.

Regras Textuais

A questão da vírgula, tem gramáticas portuguesas que resolvem isso muito bem. O problema é que a vírgula, às vezes, causa uma certa confusão. Mas existem regras que tá

claro onde tem vírgula e onde não tem. [...] Tem lugar que não tem vírgula porque você tem um “E” ali, mas as pessoas às vezes botam. Mas as vírgulas eu acho que é uma questão mais que a gramática resolve. A regra é a seguinte, o jornalista está aqui pra fazer uma entrevista com alguém pra ouvir o que ele quer dizer, entender o que ele disse e passar para o leitor o sentido do que ele disse. Então, não precisa ficar botando aspas em tudo. Eu acho que aspas é o mínimo possível. A não ser que você tenha feito uma entrevista “ping-pong”, que tudo é o que o sujeito fala. A tua função de redator não é ouvir a pessoa, degravar e botar o que ele falou, é você contar de uma forma muito bem contada, contar uma história bem escrita, com os padrões jornalísticos que são consolidados, para que o leitor entenda. [...] Porque senão você não precisava de um jornalista, bota um computador para degravar e vai embora. Então o negócio é ouvir, levantar informações, etc. E descrever. Você coloca aspas em coisas que são muito importantes, que são importantes para ressaltar aquilo que você quer dizer. Que seja importante estar registrado em aspas, alguém falou, que estava em documento X, etc.

Dicas aos calouros

Os calouros que vão entrar aqui, comecem desde já a ler para tentar recuperar o que vocês não leram lá para trás. Começa a ler tudo. Se você não gosta de economia, começa a ler sobre política. Não gosta de política, nem economia, começa a ler sobre literatura. Começa a ler sobre história, a história da cidade, do Brasil e da universidade. Leia, leia, leia, leia. O jornalista aprende muito com leitura. Muito. Leia jornais, que por incrível que pareça, é um grande aprendizado. Leia jornal direito, não fica lendo essas redes aí que se dizem jornais que não são. Procure algumas grandes reportagens que ainda são publicadas em jornais, em revistas, etc. E leia o texto com atenção, porque quer ser um bom jornalista, tenha a sensibilidade de olhar as coisas, ver as coisas, descobrir detalhes que as pessoas normais não veem, porque as pessoas normais não são jornalistas e não estão ali para ficar vendo detalhes, você tá. Comece a prestar atenção nisso, comece a ler, a ler com cuidado, pra ver se está bem escrito, mal escrito. Não é copiar ninguém, faz parte do aprendizado.

O que não pode faltar no Guia?

Além de todas essas informações técnicas e objetivas, algumas considerações relacionadas à ética profissional. À ética jornalística. Que nesses tempos de fake news e não sei o que, as pessoas se esquecem, às vezes. O que é a ética? Existem definições claras disso também, existem regras. E saber por que a ética é importante. Porque ele tem que entender que aquilo que ele escrever como jornalista pode alcançar várias pessoas, portanto pode ter repercussão. [...] E dependendo do que for, pode ter consequências.

Apêndice B - Entrevista com Solano Nascimento

Áreas de atuação

Eu pesquiso e quando possível faço reportagens, principalmente na área de jornalismo investigativo. Então, meu foco no jornalismo sempre foi, desde o início do meu trabalho como professor e já adiante do meu trabalho como repórter, sempre foi a reportagem.

Mercado de Trabalho
<p>A impressão que eu tenho, e os números mostram, é que é um mercado que encolheu, ainda tá encolhendo um pouco. A minha expectativa é que a gente tenha em pouco tempo uma definição de um mercado reduzido em relação ao que se tinha uma, duas décadas atrás, mas um mercado permanente. Porque, ao mesmo tempo em que alguns tipos de veículos entraram em crise, toda essa crise conhecida, há também, por outro lado, surgimento de vários veículos já nativos digitais que abrem vagas. Mas, de qualquer forma, eu imagino que é um mercado menor, mas pode ser um mercado permanente.</p>
Dificuldades dos Estudantes
<p>Eu acho que isso tem mudado. Recentemente, nos últimos anos, eu acho que tem me deixado a impressão de uma dificuldade que não é só de estudante de jornalismo, mas provavelmente uma questão geracional, porque isso aparece em outros cursos também. Que é alguma dificuldade de aprender e introjetar a questão da responsabilidade. Não que as pessoas sejam irresponsáveis, mas quando você tem um prazo para fazer alguma coisa, você precisa entrevistar determinado tipo de pessoa. Então, no jornalismo essa questão é muito importante. Porque, na medida que você trabalha em um veículo, não é um trabalho individual. Um arquiteto, por exemplo, faz um projeto, claro, tem uma equipe ao redor, mas é um projeto daquele arquiteto, é um trabalho individual, que, se ele atrasar, vai estar prejudicando seu cliente e a ele mesmo. Já no jornalismo, ao trabalhar por um veículo, você não está fazendo mais um trabalho individual. Então, isso que se busca aqui na universidade também reproduzir. Essa relação com a questão de que você tem obrigação, necessidade, responsabilidade de fazer determinadas coisas no seu processo de apuração, principalmente. Então, isso parece que está sendo uma dificuldade maior nas últimas gerações de estudantes.</p>
Diferenciais do Jornalista
<p>Eu acho que basicamente tem de ter três coisas. Que é fazer uma apuração boa, complexa, completa, profunda, ou seja, dominar ferramentas de apuração e ter vontade e dedicação para a apuração; ter um texto bom, se for ótimo, melhor ainda, mas ter um texto pelo menos bom; e ter um espírito crítico, que possa ter uma autocrítica, possa analisar seu próprio trabalho, possa analisar o trabalho do veículo no qual trabalha e refletir sobre a imprensa. Então, para mim, é esse tripé: apuração, texto e reflexão.</p>
Erros Textuais
<p>Tem os erros de texto especificamente, mas que não são nem de longe coisas sérias e que não possam ser corrigidas nas disciplinas da graduação, ou até mais facilmente buscando coisas fora. Agora, o que me preocupa sempre são erros de apuração. E aí hoje, uma coisa clássica é que muitos estudantes têm buscado informações na internet e que, às vezes, são informações que estão erradas, basicamente erradas. A internet é maravilhosa, mas quando você usa ela para acessar fontes confiáveis. E há uma enormidade de fontes não confiáveis na internet. Então, na hora que se transpõe de algum texto de fonte não confiável da internet uma informação para um texto jornalístico, então aí é um erro grave.</p>
O que é escrever bem?
<p>A primeira coisa é escrever de forma clara. Ser didático, objetivo. E aí, em um processo</p>

mais avançado, eu acho que – falando em reportagem especificamente – é o domínio de narrativa e descrições em uma reportagem. Porque isso torna o texto enormemente atraente. Eleva muito a qualidade do texto. Na hora que você descreve uma cena, na hora que você narra uma cena, na hora que você conta algum episódio, isso no texto é muito enriquecedor.

Regras Textuais

O uso da vírgula é uma coisa que acontece muito comumente no jornalismo um equívoco e não só na universidade como em veículos formais de imprensa. É o uso da vírgula em situações que ela é proibida. O exemplo que eu dou em aula sempre é o exemplo do Supremo Tribunal Federal. Quando você se refere ao presidente do Supremo Tribunal Federal, você bota o nome dele entre vírgulas. Por exemplo, o presidente do Supremo Tribunal, vírgula, o nome dele, vírgula. Já quando você diz: “O ministro do Supremo Tribunal Federal fulano de tal”, você jamais pode botar entre vírgula. Então, isso é um equívoco muito comum. A mesma coisa se você estiver trabalhando, fazendo uma matéria sobre a universidade. Se você disser: “O professor de medicina da Universidade de Brasília fulano de tal”, esse fulano de tal nunca pode estar entre vírgula, porque há vários professores de medicina da Universidade de Brasília. Mas é claro que, se você falar: “a Reitora da Universidade de Brasília, vírgula, Márcia Abraão, vírgula”, e põe o nome dela. Então esse, pra mim, é um dos erros mais comuns em textos jornalísticos. E há aquilo que eu chamo de vírgula proibidíssima, que aparece raramente, às vezes nos primeiros semestres aparece, que é a vírgula que separa o sujeito do predicado. Essa vírgula é totalmente proibida. As aspas... Tem uma coisa que alguns estudantes estão trazendo de texto de internet, que é botar o que está dentro das aspas em itálico. Isso não é usado no jornalismo brasileiro, então não pode estar em itálico. Está dentro das aspas, está mostrando que é uma citação. E o que eu aconselho sempre na citação... Existem formas distintas de citação, então há regrinhas quando a citação está usando dois pontos, quando não está, quando a frase termina na citação, quando é uma citação muito pequenininha. Então tudo isso tem regras específicas. Às vezes tem que ter uma vírgula ali, às vezes tem que ter um verbo depois da vírgula, às vezes não pode ter verbo depois da vírgula, então isso tem que ter cuidado com os tipos de citação. E aí, o que eu aconselho sempre a estudantes é que tente colocar dentro de aspas aquilo que é uma opinião, uma impressão muito pessoal. Tentar evitar botar dentro de aspas uma informação técnica, numérica, que é de domínio de muitas pessoas. Ah, você não confia naquilo? Pode não ser exatamente aquilo? A gente pode atribuir à fonte, beleza. Mas deixar pra botar entre aspas, em um texto mais avançado, feito com calma, aquelas coisas que são mais impactantes, que é uma visão muito pessoal, aquela coisa que só aquela pessoa diria daquele jeito. Aí fica melhor.

Dicas aos calouros

Desde o primeiro semestre, os calouros já tem disciplinas nas quais eles têm que produzir textos jornalísticos, então, a minha sugestão é começar com textos não muito longos. Tem alguns que já chegam aqui acostumados com textos jornalísticos, quem não está acostumado, tentar trabalhar com frases diretas, em ordem direta, frases não muito longas, sendo bem objetivo, fugir de adjetivos. E uma forma muito boa para a gente tornar isso mais natural na hora de escrever é ler muitos textos dessa forma. Então, nós temos veículos abertos, gratuitos, que é possível de se ler textos assim. Eu recomendo com frequência o UOL, o G1, o Metrôpoles, o Correio Braziliense. Dá pra gente ver e pegar esses textos, não ir para as colunas de opinião, que também são boas, lógico, mas pra treinar esse texto da

notícia, notícia simples, a notícia mais direta. E aí, tenta ler todo dia um pouquinho de texto jornalístico. Poder ler a Folha, tem uma parte da Folha que é aberta também, principalmente para estudantes. Quando estiver aprofundando mais o texto, aí tem a revista Piauí, aí sim é um texto brilhante, um texto muito bem cuidado, que tem no portal aberto também. E as revistas dos meses anteriores sempre tem publicações à disposição. Mas é isso, tentar ter seus objetivos e ler bastante esse tipo de notícia.

O que não pode faltar no Guia?

Algumas dessas dicas, que já estão antecipando coisas que eles vão receber de professores. Mas muito a noção do progresso dentro do curso, ou seja, entender direitinho a grade. Há alguns anos, nós temos uma grade fixa. [...] Então estudar bem a grade e o fluxo para decidir que caminho usar. Porque a gente tem possibilidade, principalmente a partir do terceiro, quarto semestre, de trilhar caminhos distintos conforme o que você quer fazer primeiro, ou seguir diretamente a grade que tem. Mas saber, “olha, no semestre que vem eu vou ter essa disciplina em uma quinta-feira, então eu tenho que antecipar nesse semestre o que é na quinta-feira porque eu quero pegar aquela disciplina de quinta-feira. Então é isso, essa noção da grade, do fluxo.

Apêndice C - Entrevista com Sérgio de Sá

Áreas de atuação

Eu pesquiso e quando possível faço reportagens, principalmente na área de jornalismo investigativo. Então, meu foco no jornalismo sempre foi, desde o início do meu trabalho como professor e já adiante do meu trabalho como repórter, sempre foi a reportagem.

Mercado de Trabalho

Claro, sempre a partir de uma experiência aqui com egressos e tal, me parece, em relação ao resto do país, um mercado bastante generoso. Eu não tenho pesquisas para comprovar isso, mas parece, pelo que acontece com nossos egressos, que há uma boa empregabilidade. E claro, por razões óbvias, em Brasília, no campo da política e da economia, mas não apenas. E um mercado, mesmo com a não exigência do diploma, ainda muito aberto, muito propício. Eu diria, quase exclusivo, totalmente, às pessoas que se formam em jornalismo. Parece que, estar em Brasília, vir para Brasília estudar jornalismo, te dá um bom caminho. Aqui na faculdade, você começa a fazer estágio, forma um networking, uma rede e consegue trabalhar. Não com o salário ideal, perfeito, não exatamente naquilo que você sonhou, almejou no começo. Mas eu vejo a galera se desdobrando bem, quem quer ser jornalista.

Vantagens e Desvantagens da Profissão

Me parece que há alguns lugares comuns, alguns clichês eu diria, sobre a profissão que podem ser verdadeiros. Uma profissão, digamos, pouco acomodada. No sentido de cada dia é um novo dia. No sentido de você não estar encerrado dentro de um escritório fechado e tal. Então, o jornalismo proporciona um tipo de experiência que me parece viva. A mim me

proporcionou boas experiências de contato, boas experiências de deslocamento. Eu estive em lugares graças ao jornalismo, conheci pessoas graças ao jornalismo. Pessoas que, no caso do campo da cultura, eu admirava e admiro. Então, nesse sentido, o jornalismo pode ser muito bacana. O jornalismo hoje, ao que parece, também permite uma certa autonomia para os mais descolados, mais ativos. De não depender necessariamente de uma organização, de uma empresa que vai te dar um trabalho com carteira assinada. Estou falando aqui que, pelo que eu vejo, há grandes possibilidades de empreendedorismo. Enfim, não sou um cético ou uma pessoa desanimada em relação ao jornalismo. É o que eu digo sempre pros meus calouros: vocês estão num bom lugar, é um bom momento para ser jornalista. Se há uma oposição política declarada ao jornalismo, como nós fazemos ou deveríamos fazer, isso quer dizer que nós temos um papel importante a exercer, uma função nobre dentro da democracia brasileira. Vejo isso como algo muito importante. Essa profissão como algo que ajuda o país a sustentar seu estado de direito, sua sociedade democrática. Desvantagens há várias também. Me parece, pelos relatos e por uma própria experiência, que muitas vezes é uma profissão cansativa. Eu estou falando do dia a dia, de horas de trabalho, horas e horas e horas. Quando se é jovem, ok. Mas com o passar do tempo parece que as pessoas vão procurando lugares para trabalhar um pouco mais tranquilos. Esse ethos da profissão continua ainda muito apegado a um... você ser jornalista é trabalhar muito, cumprir várias horas, fazer plantão, etc. Isso foi glorificado dentro da profissão. Não precisava ser assim. Ao mesmo tempo, me parece que é melhor hoje do que foi nos tempos em que eu trabalhava. Em que não havia, por exemplo, nem de longe a ideia de banco de horas, que é algo que eu ouço dizer que as redações adotaram para, inclusive, não serem processadas depois que o profissional é demitido ou pede demissão. As desvantagens hoje são uma sociedade muito arredia ao jornalismo. Nessa polaridade que a gente está vivendo, ser jornalista se tornou mais perigoso. Claramente mais perigoso. Está perigoso fazer jornalismo investigativo, por exemplo, de qualidade e tal. Eu tenho um medo, porque parece que os dados de violência contra jornalistas são mais evidentes. Isso é claramente uma desvantagem. Então é preciso ter coragem para fazer jornalismo, é preciso ter coragem para fazer um bom jornalismo. Mas, de modo geral, eu acho que as vantagens vencem as desvantagens. Eu acho que, entrou na UnB pra fazer jornalismo, se quiser ser jornalista, tá num bom lugar. É uma cidade que oferece oportunidades de crescimento, e há vários exemplos de ex-alunos aqui que estão em destaque na mídia brasileira. Gente que saiu do Brasil e foi para outros lugares do mundo inclusive. Eu acho que há boas perspectivas pra quem quer ser jornalista.

Erros Textuais

Calouros não sabem usar vírgula, ou têm dificuldade. Isso é menos assustador do que certas habilidades que já deveriam estar desenvolvidas. Quer dizer, todas essas habilidades de texto deveriam já estar construídas antes que essas pessoas, os alunos, estivessem aqui fazendo texto jornalístico. Eu sou professor dessa disciplina. Então isso é algo que me é muito caro. Eu acho que a linguagem é algo que faz a diferença, que a gente precisa escrever corretamente. [...] E os estudantes são engraçados, aqui eles não estão muito interessados em corrigir isso, às vezes. E quando eles vão pro estágio, eles são obrigados a corrigir ou ficam mais atentos, porque pode pegar mais mal do que cometer os erros, as falhas aqui dentro. Isso me deixa um pouco triste. Porque a gente não consegue criar esse ambiente que tenha rigor nisso, que as pessoas não sigam adiante no curso se elas não conseguem escrever. São três camadas aí, são problemas gramaticais, estruturais, e saber narrar bem uma história. Se a gente não tiver essa base das duas coisas, a gente não consegue nesse terceiro, que é o mais importante. É saber contar o que se viu, o que se

experienciou, o que se apurou, de uma maneira compreensível, equilibrada, clara para o leitor. Essa é, enfim, eu acho que a grande dificuldade em início de curso. É saber o que é reportar, o que é fazer jornalismo nesse sentido. E aí vale tanto para quem vai ser assessor, como para quem vai ser repórter, como para quem vai ser editor. É olhar para um texto, enxergar os erros, enxergar os seus próprios erros para fazer com que o leitor tenha uma relação mais amigável, digamos assim, ou generosa com o que se quer dizer. Porque o mais importante não é o texto em si, obviamente, é a informação que você está querendo transmitir. Falhar no uso da língua é falhar no uso da transmissão dessa informação. Seria o ideal que ninguém cometesse esse erro, ou nenhum, de vírgula, muitas vezes a concordância. Esses são os erros principais. Onde colocar a vírgula, como fazer a concordância e a pontuação. Esse terceiro elemento que tem haver com a vírgula, mas a pontuação. O uso da vírgula não só no lugar correto, do ponto de vista sintático, mas também do ponto de vista daquilo que dá ritmo. “Isso não é uma pausa para uma vírgula, isso é uma pausa para um ponto”. Porque você está contando essa história e se você não fizer com que o seu leitor respire, ele não vai dar conta. E tem, claro, no começo, que também não é um aprendizado que se espera que o estudante tenha de partida, que é como usar em um texto as declarações que são colhidas pelo repórter. Como utilizar isso? Abre aspas, fecha aspas, põe vírgula. De que maneira você usa o que você captou. E, no final das contas, é importante porque isso é o que é exclusivo no trabalho de um jornalista. Eu entrevistei alguém, essa pessoa disse isso, eu preciso dizer o que ela disse da maneira mais fiel possível. Essa fidelidade é uma das maiores dificuldades e uma das maiores críticas que se faz ao jornalismo. “Eu não disse isso dessa maneira, eu não disse isso com essa intenção”. A grande dificuldade, é como escutar alguém e colocar a voz desse alguém em um texto. Seja ele só escrito, seja ele em uma reportagem de rádio, de televisão. É mais fácil, mas supõe processos de edição que são ferramentas, são técnicas que têm que ser aprendidas aqui pra que a gente não distorça.[...]

O que é escrever bem?

Escrever bem é fazer com que eu não tenha obstáculos na leitura, obstáculos de diversos modos. Escrever bem é surpreender o leitor, no caso do jornalismo, com informações que vão fazer com que o leitor reaja, surpreenda e diga: “Uau, eu não sabia disso, eu não sabia que isso tinha acontecido, eu não sabia que isso acontecia dessa forma”. [...] Escrever bem é ler bem. Clichê do clichê do clichê, só escreve bem quem lê bem, inclusive pra ler o seu próprio texto. A gente sempre vai cair na chatice de que o estudante precisa ler. E o estudante chega aqui sem ler notícia. De novo a questão do estágio e da profissionalização. Sai da academia e vai ganhar o mercado, aí ele começa a ler notícia. Porque é exigido dele no dia a dia da redação, no bar que ele vai frequentar com seus colegas, que ele esteja bem informado. Ele sabe do que está rolando. Do contrário, ele vai ser a sua socialização vai ter problema. E aí, cada um vai encontrar a sua estratégia de como se informar. Normalmente, os bons jornalistas são pessoas viciadas, num bom sentido, em informação noticiosa. Em notícia. Mas não basta só isso. E aí isso é muito caro para mim, tem que ler literatura, porque na literatura você vai encontrar estratégias para narrar as histórias de maneira interessante, de maneira perspicaz, vendo como é possível avançar no uso da linguagem. Então, ler é também se formar em perspectiva. Ler sobre a história do Brasil, ler sobre a história do mundo, ler coisas de não ficção. Como tudo na vida, no bom senso e equilíbrio. Quem lê só notícia fica bitolado.

Regras de Escrita

Nada disso é feito para encher o saco de ninguém. Isso é importante para que o seu texto seja compreensível. Então existem regras que precisam ser seguidas. São as regras que as pessoas compartilham. Eu não posso inventar. Se você quer inventar, se você quer experimentar, você tem que fazer literatura. Você não vai fazer jornalismo. Eu não tenho nenhum pudor em dizer isso. Aí algum dia você pode, se você se qualificar para tanto, se tiver legitimidade para tanto, ser cronista. Aí você pode se dar ao luxo de inventar. Agora, o problema aqui é que a gente não tem aula específica – e não é para ter mesmo, eu acho – de gramática. Eu acho que essas coisas, é o que eu digo para os estudantes do começo, você vai aprender malhando, escrevendo. E, na verdade, você precisa de alguém que leia para você, que vá apontar os problemas. Não há muito uma cultura compartilhada em torno desse rigor. Eu vejo isso nas minhas filhas. “Ah pai, só você que coloca a vírgula quando você escreve no WhatsApp”. Ok, isso é uma modalidade completamente diferente. Mas eu me forço a isso para que, quando eu for escrever um texto, eu não cometa algum erro ou faça daquela forma. Tem uma certa... tem uma frouxidão, uma flexibilidade no rigor do uso da língua. Enfim, para a gente convencer os estudantes que precisa ser rigoroso nesse sentido. Precisa saber a base e depois você vai inventar. Inventar no bom sentido aqui, inventar no sentido de mexer em alguma estrutura do lide, da pirâmide invertida, seja lá o que for. Mas, para isso, você precisa dominar a língua e não ser dominado por ela. Muitas vezes eu perguntava se entendeu o que você escreveu. “Não entendi”, como é que você quer que o leitor entenda se você mesmo não compreendeu? O que está escrito aqui? O que eu vejo de maior dificuldade são os alunos olharem para o próprio texto e reconhecerem os erros. E a gente aponta os erros e as pessoas ficam chateadas com o professor. “Está errado aqui, essa vírgula não é para estar aqui”. “Você está lendo errado, não é assim”. Quando eu falei que é preciso saber ler, é isso, para saber que, se essa vírgula está aqui, você está dando uma instrução para o seu leitor equivocada. Isso muda o sentido. [...] Eu digo que tem gente que chega aqui com isso totalmente dominado. Tem gente que chega aqui sem domínio disso. E eu recomendo que faça um esforço extra para correr atrás desse prejuízo. Porque isso vai influenciar a sua vida toda. Você pode ter certeza que os grandes jornalistas são pessoas que escrevem bem. Só quem escreve bem sabe ler o texto do outro, vai, por exemplo, galgar postos, vai virar um editor, vai virar um subeditor, vai virar um chefe de alguém que vai poder ler o texto dessa pessoa e dizer: “Tem um problema aqui, tem um problema gramatical e tem um problema jornalístico, você devia ter apurado mais”. Perder tempo com problemas que não deveriam ser problemas é o mais grave, nesse caso, a gramática não deveria ser um problema. Mas, não é bem assim que a banda toca.

Dicas para os Calouros

Ler. Basta botar na internet livros sobre o jornalismo, livros clássicos de jornalismo que vai aparecer lá, tenho certeza absoluta. “A sangue frio”, vai aparecer “Hiroshima”, vai aparecer “O segredo de Joe Good”, vão aparecer esses livros todos, que nem de longe são perda de tempo. Aí é que eu vou ser bem conservador, no sentido de, leia os clássicos da literatura, que você só viu a adaptação no cinema, leia. Os clássicos contemporâneos sobre o Brasil, por exemplo. “Ah, detestei quando me ofereceram Graciliano Ramos pra ler”. Volta ao Graciliano. Vai ler ali, São Bernardo, pra entender o que é o Brasil. Vai ler “Vidas Secas”. Para os jornalistas, coisas de literatura realista são bastante interessantes de serem lidas. E aí, eu acho que Graciliano, Rubem Fonseca. Quer saber o que é escrever de maneira clara, enxuta, precisa, leia Dalton Trevisan. E, na verdade, a primeira dica é que comecem a ler notícia. Comecem a acompanhar o telejornal. Comecem a escutar CBN, abre o Jornal Nacional. Ah, eu sou anti-globo, aqui você não pode ser anti-globo. Se desfaçam dos seus preconceitos. Primeira coisa você faz. Porque aqui você tem que ser aberto. Você tem que

ver o Jornal da Globo, você tem que ver o Jornal da Record. Para saber o que o “inimigo” tá pensando. Para entender a comunicação. Depois, você pode parar de ver, mas você tem que entender como é que se faz. E opinar sobre. [...] Vai, compra todos os meses a “Piauí”, lê a “Piauí” de cabo a rabo, não te custa nada. Em um dia você lê a Piauí de cabo a rabo, e você vai se sentir uma pessoa boa, uma pessoa mais inteligente. A “Piauí” tem conseguido, não só a “Piauí”, mas tem conseguido agendar debates e fazer com que algumas coisas aconteçam para o bem da democracia brasileira. Comecem a ler e a entender pra fugir do que é fake news. Pra conseguir identificar e atuar como um agente anti-fake news, no seu ambiente familiar, onde quer que seja. Essa talvez seja também uma tarefa importante nos dias de hoje. [...]

O que não pode faltar no guia?

Eu acho que tem que ter uma explicação sobre a grade curricular. Essas coisas podem parecer óbvias depois de um certo tempo, mas para quem está chegando, imagino eu, não são simples. Você tem matérias obrigatórias, tem matérias optativas, então se você gosta de literatura, por que não fazer um curso de literatura nas letras? E, no caso do jornalismo, fique atento às ofertas das disciplinas “optatórias”, tipo o que eu estou dando agora, jornalismo esportivo. Não fique ansioso para estagiar, aproveite o seu tempo inicial aqui para trabalhar na agência júnior, para ler esses livros que você não leu. Que também depois você não vai ter tempo de ler, mas que vai fazer a diferença. Há clássicos do jornalismo que precisam ser lidos. Mesmo que nenhum professor exija, obrigue você. Como há filmes. Não dá pra se formar em jornalismo sem ter visto “Todos os homens do presidente”. É feio você chegar lá fora, você já viu esse filme? Onde você estudou? Ninguém te obrigou a ver esse filme? Tem que ver “A montanha dos sete abutres”, tem que ver. “Ah, nenhum professor me exigiu isso”, não espere isso, no sentido de, faça o seu caminho de maneira também autodidata nesse sentido. E procure se informar da maneira mais plural possível, da maneira mais diversa possível. Isso é importante porque nesse momento, como um comunicador, você não pode simplesmente virar as costas, você tem que entender, depois você decide, “ah detesto a Globo, não vou nunca mais porque eu não preciso ver”, ok! Mas agora é um momento de examinar, é um momento laboratorial, digamos assim. É um momento de experimentar. Até pra você não vir querer fazer um TCC, querer fazer um trabalho, achando que está inventando a roda, quando na verdade aquilo já foi feito inúmeras vezes. E pra você ter uma postura crítica diante do mundo e do mundo dos jornalistas. Faça uma radiografia de como é o jornalismo no Brasil. Eu colocaria um serviço de oportunidades de cursos extracurriculares. Por exemplo, no curso do Estadão, da Folha. [...] Esse mapeamento. Eu não sei se, por exemplo, faz sentido dizer aos estudantes calouros qual é o acervo sobre jornalismo que há, tanto aqui no nosso CEDOC (Centro de Documentação), como na Biblioteca. Se isso está disponível ou como acessar isso online de maneira legal. [...] Eu acho que vale a pena explicar aqui também um pouco o que é a agência júnior. No caso, explicar o que é a “Facto”. Talvez os projetos tradicionais. Pelo menos um parágrafo. Um parágrafo para o “SOS imprensa”, um parágrafo para o “Jornal Campus”, um parágrafo para a revista “Campus Repórter”. “Você sabia que a UnB tem o jornal laboratório impresso mais longo, antigo do país, que já ganhou prêmio?”, “Você sabia que a revista campus repórter, que você pode fazer quando estiver lá no sétimo semestre, oitavo semestre, já ganhou um prêmio importante?”.

Apêndice D - Entrevista com Márcia Marques

Áreas de atuação
<p>Olha, hoje, por exemplo, no Brasil a gente trabalha assessoria de imprensa junto com jornalismo. Então, é uma área de atuação, em outros países é separado. Não é necessariamente junto. Mas aqui, então, a gente tem uma área de assessoria ligada à comunicação pública, quando ela está ligada ao setor público, principalmente, que não é só uma preocupação de produção de releases, isso é importante. A gente ainda tem redações, você começa a ter uma discussão hoje sobre atuação profissional individual de jornalistas que são blogueiros, que têm os seus espaços e produzem. Você tem, hoje, redações fora do mainstream, você tem redações de mídia independente. E mesmo na profissão você vai ter fotógrafos, você vai ter repórteres, você vai ter editores, você pode ter gente da área de audiovisual trabalhando com jornalismo, o que tem acontecido é você ter mesclas. Você trabalha na profissão, mas você faz outras coisas juntos. Ter conhecimentos mistos hoje também é muito importante. São umas coisas que eu consigo lembrar.</p>
Mercado de Trabalho
<p>Eu acho que está confuso por vários fatores. Um deles é que a profissão continua desregulamentada, embora no Congresso [Nacional] você tenha um movimento pela regulamentação, eu acho que esse é o mais grave, mas você também tem uma mudança no próprio mercado de trabalho. Então, hoje a gente não tem mais jornalistas se formando e dizendo ‘ah, eu vou trabalhar em tal veículo’ como era há dez anos atrás. Hoje não. Hoje assim, [há o pensamento de] ‘ah, eu vou trabalhar em mídias digitais’, que essa é uma área que também cresceu.</p> <p>É e você tem muito profissional sem carteira assinada, trabalhando como PJ [Pessoa Jurídica] que agora chamam de MEI [Microempreendedor Individual], mas já há muito tempo o mercado de jornalismo vem nesse caminho. Então, eu acompanho mesmo pelo sindicato de jornalistas, você tem baixo valor de piso salarial. E você começa a ter, na verdade, a profissão com jornalistas que começam a trabalhar em torno de projetos e trabalhar em torno deles como forma de manter uma condição de trabalho pessoal e individual.</p>
Diferenciais do Jornalista
<p>Eu acho que é ter conhecimentos transdisciplinares, não ficar preso só numa área do conhecimento. Eu acho que já não era isso há muito [tempo].. Sabe, essa é uma profissão que lida com vários campos do conhecimento, mas hoje não é só mais lidar com vários campos do conhecimento no sentido de poder entrevistar pessoas sobre diferentes temas. Mas é também você ter domínio de ferramentas, de poder usar a própria inteligência artificial, trabalhar com programação. Existem outros conhecimentos. Você precisa ser capaz de trabalhar com diferentes mídias. Então, antes você podia ser repórter só de texto a vida toda. Hoje, isso não é [possível], sabe? O que se pede é uma mescla de conhecimentos.</p>
Dificuldades dos Estudantes
<p>Olha, eu tenho sentido muito a dificuldade, exatamente por causa da mudança que a gente está tendo, é com leitura. E aí eu acho que isso... a leitura, ela enriquece o vocabulário, ela</p>

enriquece o seu campo de apreensão da realidade, sabe? Para poder escrever, melhorar o raciocínio. E como hoje você já não tem tanto, antes você tinha uns livros para ler, e hoje é tudo muito rápido, é toda uma linguagem rápida, não estou nem dizendo que está errado ter uma linguagem rápida, mas a gente se comunica por essa linguagem rápida e a gente já cria um modo de escrever, que é um modo para escrever para as redes [sociais]. E isso acaba trazendo dificuldades para textos maiores, textos mais profundos. Eu realmente ainda não sei como a gente lida com isso. Eu acho que a grande dificuldade que a gente tem é que os jovens, principalmente, nós também estamos adoecendo por isso, mas os jovens mais, com as múltiplas telas, com o excesso de informação para a geração mais jovem, é muito mais pesado. Então, acho que isso é um problema: como lidar com isso? Porque não é à toa que a gente tem um adoecimento da sociedade com relação a esse excesso de informação, por exemplo.

Erros Textuais

Eu acho que tem um desconhecimento da escrita, você tem um relaxamento com relação à escrita, porque assim como você tem corretor automático, corretor ortográfico, ele acaba sendo a “muleta” da escrita. Mas aí você tem um problema, porque, por exemplo, quem programou o algoritmo para corrigir as crases, não entendia nada de crases. Porque se você escreve pelo Word, ele corrige todas as crases erradas. E as pessoas não percebem porque já automatizaram coisas. Então, isso acaba gerando: erros desse tipo, que são muito comuns. Eu acho que a gente na UnB ainda é bastante privilegiada. A qualidade dos nossos alunos é muito boa. Mas, a gente já percebe, assim, que alguns erros passam porque a gente acostuma que tem um corretor que vai resolver e nem precisa mais se preocupar como escreve. Eu acho que a leitura que eu tinha falado antes acaba se refletindo também, [agora] que as pessoas escrevem textos mais curtos. Então, se o texto é mais longo você vai ter muitos problemas de concordância. Eu sei porque corrijo os textos dos meus alunos e esses são os que mais aparecem.

Regras de Escrita

A crase, vírgula. Mas concordância, também. Tem muito erro de vírgula. E tem muito a ver com essa velocidade que a gente tem agora, e que é muito mais uma linguagem coloquial e a gente vai perdendo a escrita culta. E ela tem um papel também importante porque você não acha que só a escrita culta é a grande escrita, não tem uma escrita maior do que a outra. Mas a linguagem jornalística, ela precisa da escrita culta para que a expressão seja precisa, porque a gente tem uma precisão. Então, a palavra é muito importante para a gente. E aí a gente não tem mais essa coisa da leitura tão intensa como havia. E tudo você acha “rapidinho”, a Wikipedia traz o resumo, já traz a resenha. [Então] tem muita coisa pronta e eu acho que isso atrapalha.

O que é escrever bem?

Clareza, para mim escrever bem é clareza. [Apresentar] ideias bem organizadas também é uma forma de clareza. Então, isso é escrever bem. E escrever bem é escrever tendo feito uma coleta de informação suficiente para isso. Então, escrever bem não é você começar floreando, você ter um estilo, entendeu? Porque um estilo sem conteúdo também não é nada. Então, eu acho que é isso, a precisão e clareza são importantíssimas.

Dicas para os Calouros

Vejam filmes, leiam, ouçam música.

O que não pode faltar no guia?

Acho que seria muito legal também ter o currículo meio detalhado no sentido de não ficar aquela coisa burocrática do que é o currículo, a ideia do currículo, entendeu? Mas qual é a estrutura de formação que você tem na faculdade para que a pessoa possa aproveitar o melhor possível que a gente tem a oferecer. Que é esse currículo que não se pensa apenas como um tronco de onde vão sair os galhos das profissões, mas como um conjunto de conhecimentos nos quais você também mergulha para poder aprofundar esse tipo de coisa. Então, acho que mostrar isso pode ser bem interessante.

Apêndice E - Entrevista com Paulo Paniago

Áreas de atuação

Olha, vocês vão me chamar de conservador, mas eu gosto de entender que os alunos, claro, existem um campo enorme de possibilidades nas áreas digitais, tem vários órgãos aí que estão crescendo e mostrando que é possível fazer um jornalismo extremamente competente no meio digital, mas eu ainda gosto muito dos grandes jornais, dos “jornalões”. Por exemplo, eu estava lendo hoje uma matéria do André Shalders no Estado [de São Paulo], fazendo uma denúncia muito séria, por sinal, e ele foi nosso aluno aqui. Então, dá um orgulho ver essas coisas acontecendo, sabe? Ver os meninos fazendo bem. Agora, o que não falta é a área de atuação para jornalismo. Você tem redação de vários veículos impressos, eletrônicos aos montes, tem assessoria de imprensa, você tem campanhas políticas, você tem um universo muito grande de horizonte provável de trabalho. Curiosamente, ontem fui numa palestra com o Ricardo Kotscho, jornalista das antigas, está até com problemas de saúde, precisa de cadeira de rodas, mas está trabalhando, a mente está lúcida num nível tal. E está aí trabalhando em dois empregos, ele trabalha no site do UOL e trabalha no My News, naquela plataforma criada pela Mara Luquet e ele chegou lá na palestra, onde falou assim “essa é a melhor profissão do mundo”. Eu achei “ah, que é ótimo!”, que bons alunos ouvirem isso. Porque eu dizer isso não serve muito, mas um cara assim das antigas que todo mundo reconhece, é bacana.

Mercado de Trabalho

Quando eu era estudante, que nem você, as pessoas diziam “ah, porque o mercado está em crise”. Essa crise, se ela existiu, não deu notícias... porque nunca fiquei sem emprego. Sempre tive coisas. Se você é bom no que faz, as oportunidades vão aparecer. Você vai encontrar. A sociedade precisa de um jornalismo bem informado. Então, não vai faltar oportunidades, é uma questão de você mostrar que você tem talento, que você é competente, se você é competente as coisas vão dar certo. Eu acho assim, se as pessoas estão entrando é porque elas estão com esperança de encontrar alguma coisa, e elas vão encontrar. Se elas souberem trilhar um bom caminho, se elas fizeram uma boa formação, as oportunidades vão aparecer, é batata.

Vantagens e Dificuldades da Profissão

As principais vantagens, eu acho que a principal vantagem é essa: você nunca vai ter um dia de tédio ou de chateação. É uma atividade tão dinâmica, tão envolvente. Eu acho que a principal dificuldade é a formação, Maria Clara. Eu acho que a nossa formação ainda é precária. A gente se concentra muito na questão técnica do jornalismo. E os alunos adoram essa parte técnica. E eu entendo. Eu entendo porque eu sou jornalista. Eu também curto essa parte técnica. “Ah, vamos fazer um texto, vamos fazer edição, vamos fazer um título, vamos fazer... Vamos botar essa foto aqui, vamos fazer um infográfico”. É bacana, mas assim, o conteúdo do que você está veiculando é importante. E se você não apurar direito, se você não for atrás, se você não tiver informação qualificada para fazer as perguntas corretas para os seus entrevistados, se você não tiver a gana e a garra de investigar uma história a fundo, essa é a dificuldade. Você não vai poder acessar todos os ambientes. Vai ter uma reunião no Ministério que você não vai poder assistir, mas se tiver gravado... Você lembra daquela reunião do “Biruliro” [ex-presidente Jair Bolsonaro] lá com sua equipe ministerial que os jornais fizeram a festa, as televisões fizeram a festa, porque aquilo na televisão fica bem, porque é uma coisa gravada, e aí você vê os absurdos que são pronunciados ali. Aquilo dali era para aquele cara não ter podido continuar no cargo. Então você vê, mas agora como é que você apura um negócio daquele? É muito difícil? Como é que você apura uma reunião daquelas? Ou várias reuniões daquelas? Ou várias tretas e falcatuas que estão acontecendo por aí e a gente poderia estar investigando e apurando? Essa investigação é uma parte complicada e é uma parte que a gente devia ter uma boa formação sólida para a gente fazer um jornalismo qualificado. Porque eu acho que o jornalismo tem... como eu sou um estudioso, no assunto assim, eu leio jornal há muitas e muitas décadas, não são anos, são décadas, eu leio o jornal, assinando o jornal, eu sei dizer onde é que um jornal é ruim. Eu sei dizer até o porquê que ele é ruim, [ou] naquilo que ele é ruim. E eu tenho algumas sugestões de como é que aquilo podia melhorar. E passa por isso, passa por uma formação, por uma bagagem de leitura que os jovens cada vez parecem que têm menos ou que estão desinteressados ou estão achando que vai ser suprido por uma outra coisa que às vezes não vai, sabe?

Diferenciais do Jornalista

Curiosidade, a capacidade de encontrar as fontes adequadas para as coisas que ele precisa. Uma formação sólida. Acho que jornalismo, não tem que ficar lendo só textos de jornalismo. A gente tem que ler história geral, a gente tem que ler ciência política, a gente tem que ler política, a gente tem que se informar direito. A gente tá aqui para aprofundar o nosso conhecimento, para a gente ter uma preparação. Imagina colocar você para entrevistar o [Fernando] Haddad [ministro da Fazenda] hoje, agora, tipo agora. Você vai saber o que perguntar pra ele?. Você está acompanhando o que ele tem feito? Você está sabendo o que é uma pergunta hoje que iria deixar ele no contrapé? Não é sua área, não é seu interesse. Mas na sua área você está habilitada agora a fazer entrevistas com as pessoas? A saber o que perguntar para elas? A ter um preparo para perguntar coisas interessantes e instigantes para essas pessoas?. Então, acho que isso poderia compor um bom jornalista, essa capacidade. E não deixar de ser curioso nunca, porque essa curiosidade ela nos faz descobrir onde é que estão as pautas. Só para te dar um exemplo: os jornais cobrem carros, tem cadenas de carros, os grandes anunciantes dos jornais são as empresas automobilísticas. A cobertura está toda completamente equivocada. A gente ainda está falando de transporte urbano de massa, a gente ainda está falando de transporte de qualidade. Ninguém está falando sobre isso. Por quê? Porque o anunciante é o fabricante de carro. Você não vai desagradar o seu grande anunciante. É um equívoco. É um equívoco que nessa hora, por exemplo, um veículo on-line que não tem um compromisso com uma

montadora de carro, de repente pode apurar. O Público fez uma matéria sensacional sobre a distribuição da água no Brasil. Quem são os grandes consumidores de água no Brasil? Os grandes aquíferos estão na mão de que empresas? E como é que essas empresas estão conseguindo modificar a legislação para beneficiar? Essa foi publicada no público. Daí a pouco os jornais foram atrás e fizeram uma matéria mais ou menos, meia boca, mas fizeram. Tem pautas importantes que precisam ser apuradas, precisam ser feitas. Se os jornalistas não tiverem essa autonomia de raciocínio. Agora essa autonomia você adquire como? Lendo, conversando com as pessoas, fazendo seu papel de jornalista.

Dificuldades dos Estudantes

Eu acho assim, que é natural que muito jovem chegue achando que é uma coisa quando vê o que é entre em crise. A gente até que tem um baixo índice de desistências. E geralmente não tão atrelados com o curso, a qualidade do curso, mas com questões da vida, ou qualquer outra coisa. Às vezes sim com o curso também. Então assim, às vezes o aluno chegou com uma certa ilusão do que é o curso. Mas, ele também às vezes se reposiciona. “Tá, é uma ilusão, mas é isso aqui que eu escolhi, e eu vou fazer e vou fazer bem”. E faz e faz bem. Então, eu acho que existe uma dificuldade, eu vou dar um tiro no meu pé... mas o curso se chama comunicação, a área comunicação, e às vezes a gente não se comunica bem. E aí eu faço meia culpa. Às vezes eu acho que como coordenador eu talvez devesse estar fazendo mais coisas, sabe? Talvez devesse estar sendo mais proativo. Meu primeiro ano foi muito reativo, os alunos me demandam e eu tento atender a demanda dos alunos. Mas eu precisava ser mais proativo. Eu fiz, a Dione [Moura, a diretora da FAC] me solicitou que fizesse, uma coisa assim de “vamos ajudar os meninos a formar”, que teve um problema ali no período da pandemia, que a gente teve ali um problema de represamento, que depois não... teve uns três semestres atrás, tinham apenas oito alunos formando. A média deveria ser 22, mas esse semestre tinha 21 formando. Então, já deu uma aliviada. Aí com reuniões a gente foi tentando ver o que eram as dificuldades, quais eram as questões. Então assim, eu acho que tem coisas que ainda eu preciso começar a ser mais proativo, sabe? E comunicar melhor. E para os que estão entrando, eu tenho feito informalmente o seguinte: a coordenadora de audiovisual [NOME] tem chamado umas reuniões dos coordenadores com os calouros. Essas reuniões têm sido ótimas, porque você dá um panorama. Ela, por exemplo, ensina os meninos a lerem o horário da disciplina. “Esse 2, 4, M, 1, 2, ou 2, 4, M, 3, 4. O que significa isso?” Ela vai explicar isso. Só que depois de fazer esse negócio lá, que é geral, eu tenho feito com os calouros, tenho feito algumas coisas. Pedindo, obrigando, praticamente obrigando eles a criar um e-mail FAC para profissionalizar e para deixar essa comunicação mais com cara de profissional. Eu fiz uma lista de todos os alunos que estão matriculados, inclusive o seu nome está lá nessa lista, uma lista com sua matrícula, seu nome completo, o seu e-mail. Eu dividi [a lista] por anos, então tem lá aluno desde 2016, 2017 e 2018, quantos alunos possui por ano, e o nome de todo mundo e matrícula. Porque toda vez que um aluno me pede alguma coisa, ao invés de eu falar pra ele, me mandar sua matrícula, esperar a resposta dele, eu já sei a matrícula dele. Pelo nome dele, eu já sei qual a matrícula dele. Tendo a matrícula dele que eu já resolvo. É um banco de dados que eu vou deixar para as próximas coordenações. Isso vai ser bacana.

Além disso, desse banco de dados, eu estou conseguindo de 2023 e 2024 [fazer com que] todos os alunos já tenham o e-mail FAC cadastrado no SIGAA, inclusive. Que é para assim, se você precisar entrar em contato com aluno via SIGAA, está lá o e-mail FAC. Aí eu tenho feito com esses alunos o seguinte, esses que estão ingressando agora, desde que eu virei coordenador, mostro para eles, “olha só, esse aqui é o fluxo”, com os códigos de todas

as suas disciplinas, com os códigos das cadeias. O que é cadeia? Quais são as disciplinas de cadeia? Quais são os códigos de todas essas disciplinas? Quais são as optativas do jornalismo, fora as que você pode fazer UnB afora? Olha o código aqui de cada uma. Então, entrego para eles uma planilha com todos esses códigos. Entrego uma planilha dos pré-requisitos para você saber que essa disciplina você só vai poder cursar depois de ter cursado essa outra. Então, para você tentar se manter ali no fluxo o máximo possível. Para você poder fazer as coisas e não atrasar seu curso, atrasar sua formação. Eu tenho feito isso. Tenho enviado para eles os manuais de estágio não obrigatório e de estágio obrigatório. Porque os alunos até hoje vêm na Secretaria para falar: “Aí, eu não tô achando aqui no SIGAA”. Esses calouros já sabem que a matrícula de TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] e de estágio obrigatório, quem faz é o coordenador. Não é uma disciplina, não é uma matrícula que você faz no SIGAA. Então, você vai ter que pedir para o coordenador fazer sua matrícula. Claro, o coordenador só vai fazer sua matrícula no TCC na hora que o seu orientador me disser que “ok, aceito te orientar”. Então tem que ser o professor que tem que mandar a lista dos seus orientandos e eu matriculo. Mas eu já expliquei todo esse passo a passo pra eles, para eles mais ou menos comecem a se orientar com as cadeias, por exemplo. Não deixar atrasar, para não fazer uma disciplina achando que ela é da sua estrutura curricular e ela é de uma outra anterior. E isso às vezes: “Ah, mas eu fiz a disciplina de cadeia, mas não está sendo contado aqui no meu histórico”. Criatura, mas porque essa disciplina na sua estrutura curricular não é de cadeia, ela é então optativa para você. Então, explicar essas coisas básicas do dia a dia da Universidade são importantes. Eu acho que isso está ajudando os meninos de alguma maneira, sabe? E acho que esse manual vai ser maravilhoso. Esse zine.

O que não pode faltar no Guia?

Eu acho que essas questões que eu falei, uma lista dos códigos das disciplinas, para eles saberem, dos pré-requisitos das disciplinas, porque às vezes essa questão do pré-requisito embaralha muita gente. O pessoal de 2021, do primeiro semestre, tinha um pessoal que não sabia, por exemplo, que ter feito cadeia 1 era pré-requisito para você se matricular no TCC. E aí o que acontece, tinha gente que ainda não tinha feito lá, mandando uma disciplina, faltava. Aí eles tiveram que fazer um pedido de quebra de pré-requisitos. O colegiado até aceitou, mas chegou no SAA e barraram. A gente teve que fazer um nó e dar uma pirueta, um salto carpado para resolver a situação dos meninos. A gente conseguiu ajudar os meninos, mas não é sempre que a gente vai poder fazer isso. Percebe? Às vezes é uma falta de uma informação que é simples. Num conjunto de 10 [disciplinas] ali, mostrar essas 10, mostrar... Agora, mostrar as diferenças, porque se você é de 2019, você é de uma estrutura curricular para qual jornalismo científico, que a gente está oferecendo agora, não entra na sua cadeia. Então se você fizer jornalismo científico, você vai aproveitar os créditos, mas como optativa, não como cadeia. Entende? Já para quem é de uma estrutura, depois de 2021.2, essa disciplina entra como cadeia. Então, já conta. Às vezes você atrasa um semestre porque, “ah, eu fiz a disciplina, mas agora vou ter que fazer uma outra para ser usada como cadeia”. Sabe? Então, para ficar atento a esses obstáculos no caminho. É muito importante, a informação sobre o que te manda embora da Universidade. Por exemplo, não cursar dois componentes obrigatórios e optativos do seu curso durante dois semestres, reprovar três vezes na mesma disciplina. Tem lá umas quatro condições. Ali eu acho que dá para se fazer um negócio que é bem interessante de se conter num material desse, sabe? Acontece de ser jubilado, mas a Universidade é uma mãe. E acontece também de você ser reintegrado. Só que aí é aquela coisa. É difícil, é burocrático, vai te atrasar a vida, vai te atrasar a formação, sabe? E gera umas dificuldades. Então, essas informações é bom ter

sempre à mão.

Erros Textuais

Olha, eu me prendo muito às questões formais de linguagem. Então, por exemplo, eu noto muito um uso excessivo de algumas coisas que não são consideradas gramaticalmente incorretas, mas que eu acho que tornam um texto não tão elegante, não tão interessante. Artigo em excesso, possessivo em excesso, gerúndio mal utilizado, tem demais, sabe? Às vezes advérbios que se usam em excesso, o advérbio se torna uma muleta. Certas palavrinhas fracas, “já, até, só, lá, cá”, que você poderia melhorar a qualidade do seu texto e, portanto, também a qualidade da informação. Então, acho que a gente precisa de uma atenção, com estilo. O jornal, ele tem que ser, o texto jornalístico tem que ser bem escrito. Ele tem que ser sedutor, tem que ser envolvente, claro, ele tem que trazer as informações que tem que trazer. E às vezes é uma coisa meio hard news, mas ele também tem que ter um espaço para um certo apuro com a linguagem. Eu adoro a coluna do Sérgio Rodrigues na Folha [de S.Paulo], chama-se “TodoProsa”, que fica analisando essas questões de linguagem.

Regras de Escrita

É, eu acho que tudo isso tem que ter, tem que constar. Eu acho que pode ser interessante, você ter ali toda uma sessão de cuidados com a linguagem. Que os manuais costumam trazer, então já que você está fazendo um manual, um zine, também tenha isso. Eu acho importante. Eu acho aspas, a gente não sabe. A gente não sabe. Os alunos às vezes não sabem. Pontuar corretamente o ponto, a vírgula com as aspas. E também saber o que usar nas aspas. Não é porque tem que ter aspas e aí você vai colocando qualquer coisa. Ser criterioso na organização dessa citação. Para realmente aquilo gerar um impacto. Isso é importante.

O que é escrever bem?

É um negócio complicado. Eu estava lembrando para turma ali agora do Benjamin Bradley, que era o editor do Washington Post, da época que o Bob Woodward e o Carl Brandstein estavam fazendo a apuração do Watergate. Ele é um cara que dizia o seguinte: “Escrever é uma habilidade adquirida”. Ou seja, escrever é um negócio assim: se você treinar bastante, com persistência, você pode fazer bem. Mas “escrever bem”, eu acho que é uma outra volta do parafuso, sabe? E envolve uma espécie assim de... e aí é difícil, Maria Clara, de dizer assim “mesmo que você treine, treine, treine, você vai chegar”. Hum, tem um negócio qualquer ali que envolve um certo talento auditivo interno, uma espécie de ouvido interno, que algumas pessoas têm um pouquinho mais apurada que outras. Por que você lê um texto do Ruy Castro e não consegue parar de ler até o fim? Por que um OTC embaralha, truçado, ele não manda? O que faz um texto ter essa fluência? A descoberta desse segredo é a descoberta da pólvora para “escrever bem”. Se você souber, me conta.

Dica para Calouros

A minha dica é a seguinte: tente diversificar sua formação, mas não se esqueça de seguir o fluxo. Porque seguir o fluxo vai garantir a você prioridade na hora de se matricular. Se você sair uma disciplina que seja do fluxo, você é um aluno considerado fora do fluxo, você perde prioridade. Na hora que você perde prioridade, você não vai conseguir nem as que você precisa. Claro que você consegue, mas assim, com mais dificuldade. Então, se

manter no fluxo é uma coisa importante. Mas a Universidade também é um lugar para você variar a sua formação, então aproveita para pegar as optativas em outros cursos, para você conhecer outras pessoas, para você fazer essa experiência de lidar com as diversidades humanas. Mas não sai do fluxo e se forma. Mas aí é uma parte do gestor falando, porque é dinheiro público que a gente está investindo. Então, como gestor eu tenho que ter uma certa eficiência na gestão desse negócio. Claro que eu consigo entender o aluno que a mãe ficou doente e teve que trancar o semestre. Eu entendo, claro que eu entendo. Mas, como gestor de dinheiro de verba pública, eu tenho que ter eficiência aqui. Então, eu tenho que pensar nesse conjunto de pessoas que estão indo e vão. Formem e vão para o mercado.

Apêndice F - Entrevista com Thaís de Mendonça Jorge

Áreas de atuação
<p>A área que muita gente está preferindo hoje em dia é de assessoria de comunicação. Não por acaso eu dou essas duas disciplinas. Uma que é a assessoria 1, que é a básica, e a assessoria 2, que é o avançado da assessoria de comunicação. Os alunos, não é que eles estejam preferindo, é que é um mercado muito grande, um mercado muito grande aqui em Brasília, que oferece muitos empregos e muitos cargos estáveis. O que eu estou dizendo com estáveis, é que eles estão sempre ali, existem sempre as assessorias dos ministérios, das autarquias, das fundações, então esses são empregos estabilizados na estrutura da cidade. Essa é uma das oportunidades para o jornalista. A outra oportunidade são as redações mesmo de jornal, de revista, de internet ou então os blogs, que existem alguns agora já mais institucionalizados. Quais são as diferenças? As diferenças são salariais, eu acho. E também do ritmo de trabalho. Trabalhar numa assessoria é uma coisa mais planejada, tem o horário para entrar e um horário para sair. E nas redações de jornal isso nunca acontece, tem o horário para entrar, mas não tem o horário para sair. Você fica muito em função do que acontece. Então, são esses dois grandes campos de atuação no jornalista. Agora, o que ele pode fazer mais? Ele pode ser dono, ele pode ser empreendedor, pode ser dono da sua própria agência de comunicação e ele pode descobrir nichos de atuação. Por exemplo, uma agência especializada em assuntos de universidades. Ou então, uma agência especializada em redes sociais para jovens de 14 anos. Então, ele pode descobrir um nicho para empreender e procurar alguma oportunidade de trabalho naquele nicho específico.</p>
Mercado de Trabalho
<p>Difícil, precário, pagando pouco. E não é só no Brasil. A precarização da profissão foi se avolumando e se aprofundando, principalmente depois da pandemia, porque na pandemia as redações foram obrigadas a mudar o seu modus operandi. Elas mandaram muitos jornalistas para casa, por exemplo, as rádios passaram a fazer muito trabalho da casa das pessoas. A televisão também instalou equipamentos na casa das pessoas para que elas pudessem trabalhar em casa. Então, houve uma economia financeira para as empresas nesse sentido de mandar as pessoas para casa, porque cada um começou a tratar dos seus próprios meios de produção. Você tem que pagar sua internet, seu ar-condicionado, sua rede elétrica, você tem que pagar tudo. Então, as empresas se livraram dessa despesa e passaram a empurrar essa incumbência para os próprios jornalistas que trabalham para elas. Sob um aspecto, é muito interessante. Porque para nós mulheres, por exemplo, que temos</p>

filhos, marido, que trabalhamos em casa, que tem uma sobrecarga de trabalho em casa. Então, facilitou de uma certa maneira. Mas, em compensação, de novo, mais uma vez o peso do trabalho ficou nos ombros das mulheres, que além de parir, ainda tem que cuidar do filho, ainda tem que escrever matéria, ainda tem que botar on-line, ainda tem que fazer entrevista on-line, ainda tem que fazer tudo isso. Então, eu não vejo perspectivas de melhora nesse aspecto. E que também com a pandemia e com o enxugamento de lugares nas redações, o volume de jornalistas empregados diminuiu. E com isso, diminuíram também o salário. Então não é uma coisa fácil. Quem vai ser jornalista é quem gosta, quem não gostar vai fazer outra coisa, vai ser até assessor de comunicação, e vai entender um pouco do mercado de comunicação sem nunca ter sido jornalista, sem nunca ter pisado numa redação, sem nunca ter botado o pé na rua. Infelizmente isso também está acontecendo, está acontecendo até aqui dentro da faculdade. Quando eu entrei aqui, 30 anos atrás na universidade, nós tínhamos vários professores que vinham do trabalho em redações. Eu sou uma. Esses jornalistas-professores estão indo embora. Estão acabando. Nós somos a última geração. Vão embora e vão vir aqui para cá os teóricos, os que estudam a comunicação e o jornalismo do ponto de vista teórico, que nunca foram numa redação, que nunca foram fazer matéria na rua, que nunca gastaram uma sola de sapato. Então, está mudando esse perfil. Também é um mercado de trabalho para o jornalista. É um mercado de trabalho no sentido de eles se especializar e continuar na universidade, fazer mestrado, doutorado e depois fazer um concurso para uma universidade. Também é uma outra forma de engajamento na profissão.

Dificuldades dos Estudantes

eu venho notando que as exigências em relação aos alunos e as auto exigências dos alunos baixaram muito. Antes eu exigia muito mais, eu exigia que o aluno fosse culto, interessado, com um mínimo de conhecimento muito mais alto. Agora isso baixou muito, baixou o sarrafo. Baixou o sarrafo e está bem baixinho. Porque eu fui notando que os alunos não conseguiam acompanhar as aulas. Por que eles não conseguiam? Porque eles vêm de uma escola pública fraca, de uma escola pública que não ensina, uma escola pública, não posso dizer falida, mas uma escola pública que está diminuindo a qualidade. E isso se reflete aqui na universidade também. E aí aquele aluno que tinha dificuldade na escola primária, ele traz para cá, na escola fundamental, ele traz para cá. Chega aqui sem saber escrever, sem saber pontuar, alguns chegam sem saber silabação, não sabem fazer divisão silábica. Tudo isso a gente vê aqui, entendeu? Agora o principal, no momento, eu acho que é falta de conhecimento, falta de cultura e falta de interesse. Essa falta de interesse, eu acho, no meu diagnóstico, é muito por causa de redes sociais. Porque toda a informação da geração mais nova vem do ar. A pessoa não tem que buscar. Não tem que abrir um livro, pegar uma enciclopédia, procurar. Você não precisa nem saber a ordem alfabética mais. Você vai lá, pega no “Dr. Google”, e pronto, o “Dr. Google” te dá tudo. Então, muito por causa disso, de a informação chegar como uma avalanche para as pessoas, elas ficam mais preguiçosas na hora de procurar. Não tem a busca ativa do conhecimento e isso faz com que as pessoas percam a memória, percam a vontade de procurar e percam os instrumentos para procurar, porque elas não sabem mais procurar. Isso que você está fazendo aqui comigo é uma coisa raríssima, de alguém fazer uma entrevista, de ter uma iniciativa, de ir atrás de um professor para fazer uma entrevista. Então, isso é uma coisa muito difícil. E as próprias entrevistas, não sei se você já reparou, estão mudando. Na televisão, por exemplo, você não vê mais entrevista ao vivo, você vê alguém entrevistando uma pessoa lá na tela, lá em outro lugar. Então, tudo isso já está mudando.

Erros Textuais

[Os estudantes de jornalismo] não sabem onde está o lide. Até mudei a minha programação da Assessoria de Comunicação 1 em função disso. Porque já percebi que eu pulava lá na frente. Na sua turma, por exemplo, que você fez comigo, eu pulava lá na frente e já começava a ensinar como fazer um release. Agora, já vi que tenho que ensinar como fazer pirâmide invertida. E para ensinar como fazer pirâmide invertida eu tenho que explicar o lide. Como eu estava vendo que as pessoas não sabiam fazer o lide, então eu voltei atrás e agora estou ensinando a fazer o lide. É fácil? Não. De jeito nenhum, não é fácil. Não é de uma hora para a outra que dá um clique na sua cabeça e você vai descobrir onde é que está o lide. Isso é uma coisa difícilíssima. Eu reconheço que é difícil. Mas os alunos deveriam sair daqui sabendo escrever um lide. Então, é uma coisa que eu acho que os professores deveriam dar um foco nisso. Pelo menos sair daqui sabendo onde é que está o lide.

O que é escrever bem?

Dominar a língua portuguesa, para você fazer o que você quiser com ela. É você não simplesmente se resumir a sujeito, verbo e complementos, mas ser capaz de transformar o que você vê num relato conciso e claro para que todo mundo consiga ter acesso. E esse relato eu não estou falando só o relato escrito, estou falando um relato radiofônico, televisivo, na internet, sobre todas as formas. Até um vídeo do TikTok precisa de ter uma coerência. É dominar a língua portuguesa. E eu sinto isso muito hoje porque eu escrevi meu primeiro romance já estou no segundo, já estou escrevendo o segundo. Então, eu não conseguiria se eu não tivesse esse domínio da língua portuguesa. Escrever significa repetir, significa reescrever, significa ter paciência. E dói reescrever uma coisa de dentro, que vem do coração. Eu posso ensinar técnicas, posso, mas você não vai fazer bem se não quiser e se não tiver alguns talentos. Um deles é você respeitar a língua portuguesa. Se as pessoas como hoje estiverem achando que elas vão escrever como elas escrevem no WhatsApp, a língua portuguesa vai para o brejo. Então, eu acho que nós que tratamos de usar a língua portuguesa como um instrumento da nossa profissão, temos que preservar essa língua linda que nós temos. Porque senão daqui a pouco não existe mais a língua portuguesa.

Regras de Escrita

A mim me dá muito nervoso a pessoa que não virgula o vocativo. O que significa isso? Aquela pessoa escreve assim “Beltrano me dá isso aí”. Escreve tudo sem vírgula. Quando “Beltrano vírgula, me dá isso aí”. Ou não virgula assim, uma coisa mais simples: “Nós, os brasileiros. Nós, vírgula, os brasileiros, vírgula. Então, eu acho que as pessoas estão esquecendo que existe a vírgula, existe ponto, ponto e vírgula, existe reticência, existe exclamação, existe interrogação. Esses são os pontos fundamentais. E as pessoas estão se resumindo a botar um monte de pontos de exclamação como se isso fosse uma maneira de você dar ênfase às coisas, quando um ponto de exclamação já é suficiente. Então, pontuação é uma coisa. A outra questão na língua portuguesa, além de virgular bem, seria você fazer bem as concordâncias. O português é muito difícil de concordar. Você pode começar uma frase com um sujeito no singular, depois você põe um aposto, você tem um verbo e aí o seu verbo tem que concordar com aquele sujeito, mas você tem um aposto ali no meio. Isso confunde um pouco. As pessoas estão errando muito nas concordâncias. Duas coisas que eu acho que estão em extinção e que eu lamento muito. Uma é o verbo reflexivo. Ontem mesmo eu estava escutando na televisão, a pessoa falou que, não vou me lembrar do verbo, se divertir, por exemplo. As pessoas não falam mais “se divertir”, elas

falam “divertir”. “As pessoas estão divertindo”. “As pessoas vão ao parque para divertir”. Não, as pessoas vão ao parque para se divertir. Então, esse verbo reflexivo está em extinção. Outro que está em extinção aqui em Goiás é o uso do subjuntivo. A pessoa não diz “você quer que eu vá à sua casa hoje?”, que é a forma correta. Não, ela fala assim: “Você quer que eu vou na sua casa? (sic)”. Isso me causa um pouco de incômodo, sabe? Eu estou sempre corrigindo alguém quando vejo alguém cometendo esse tipo de coisa, eu estou sempre corrigindo. São algumas regrinhas assim, bem simples, que vejo de imediato.

Erros Textuais

Ah, tem uma dica muito valiosa, que é eles procurarem um conhecimento. O conhecimento está virando um insumo precioso. Ele é um diferencial entre uma pessoa e outra. Você vê uma pessoa que tem conhecimento e uma pessoa que não tem conhecimento. Até o diálogo entre elas é diferente. Então, vou contar da minha neta aqui. A minha neta tinha um exercício qualquer na escola. Então, ela foi na casa dela e foi na minha casa, porque ela sabia que tinham dois livros que precisava. E era alguma coisa sobre cultura árabe, ou contos árabes, não sei o quê. E ela achou um, ela sabia que na casa dela tinha um, e na minha casa tinha outro. Um deles era o “Mil e Uma Noites”. Aí ela levou os dois livros para a escola e fez um sucesso enorme. Ela foi a única aluna da turma inteira que levou dois livros sobre um assunto difícil que é a cultura árabe, sabe? Então, ela fez esse diferencial. Ela tem 9 anos. Então, quando você vai juntando o conhecimento, que nunca é um acúmulo, é muito mais um somatório, vai se somando a você, você vai ficando mais preciosa, você vai ficando mais valiosa com o conhecimento que você acumula. Então, o meu conselho para os alunos que estão entrando é que eles não tenham medo do conhecimento, que eles abaixem a cabeça. Porque a gente para poder ficar conhecendo, a gente tem que abaixar a cabeça e ver: “Olha, o outro sabe mais do que eu. Então, eu quero esse conhecimento. Deixa eu aqui”. A universidade é um lugar de errar. Então vamos errar, vamos aproveitar tudo para a gente errar e acertar. Errar e acertar.

O que não pode faltar no Guia?

Acho que esses conselhos para como começar aqui. O que fazer, onde ir. E o valor do relacionamento intrapessoal. Nós perdemos isso para a pandemia. Eu estava dizendo ontem até para o meu terapeuta aqui, “já reparou como é que as pessoas estão se beijando menos?” Antes, eu chegava aqui e já tinha te dado dois beijos, agora a gente já não beija mais, a gente tem uma restrição. Você fala assim: “Oi. Tchau, um beijo”. Mas você não dá o beijo. Então, eu acho que é você tentar incentivar esse relacionamento entre as pessoas e dizer a elas que não tenham medo, que ousem mais. Porque a universidade é o lugar da ousadia. Você pode até ser um pouco mais atrevido. O Darcy Ribeiro dizia que a universidade é “a maior agência de casamentos que existe”. Então, você pode ser mais ousado, você pode conversar melhor com as pessoas, procurar o seu companheiro ou sua companheira. Então, é isso que faz a universidade viva.